TRAGEDIA
DE
D. IGNEZ DE CASTRO.

ACTORES.

ElRei D. Affonſo.
O Principe D. Pedro ſeu filho.
D. Ignez de Caſtro.
D. Violante, ſua Aia.
D. Branca, Princeza de Navarra.

O Condeſtavel de Portugal, Velho.
Nuno da Cunha, e Egas Coelho.
Alvaro Gonſalves.
D. Affonſo. } *Filhos do Principe D. Pedro.*
D. Diniz. }

A Scena ſe figura em Coimbra, parte na quinta de Alvaro Gonſalves, e parte na de D. Ignez de Caſtro, e Campo.

ACTO I. SCENA I.

Sala: Sahe o Principe D. Pedro, e o Condeſtavel.

Pedro. JÁ' de Alvaro Gonſalves o Palacio
piza-mos, Condeſtavel, revelai-me
os ſegredos fataes, que em voſſo roſto
apparecem imagens de deſgoſto:
em lagrimas banhado, me imploraſteis
no monte donde me eſtava divertindo
com a caça das aves, e veados,
que a eſta quinta quizeſſe acompanhar-vos
pois a ambos nos convinha: o exercicio
da caçada deixei, por agradar-vos:
o affecto que vos devo, a voſſa idade
gaſta em nobres acções, em que os vindouros
emulos devem ſer, o zelo, o trato
da minha educaçaõ pedem que grato
por divida vos ſeja, relatai-me
dos voſſos diſſabores o motivo:
naõ me tenhais mais tempo penſativo.
Cond. He, Principe, e Senhor, dos meus deſgoſtos, ſoberano o motivo, a queixa juſta
vos quizera expreſſar, porém aſſuſta
o meu coraçaõ timido o reſpeito
da voſſa Real preſença, e a queixa fica
ſuffocada entre os ſuſtos de meu peito;
mas eſta maõ que beijo, ſacro indulto
ſeja para o perdaõ, ſe permittirdes,
que a boca expreſſe o mal, que n'alma occulto
hum mal, que he produzido de diſvelo,
da obediencia, da fé, do amor, do zelo:
vós o ſabeis, Senhor, por experiencias
da minha lealdade, e a narrativa
dos meritos, que callo, a ellas deixo.
Ped. Mas de quem vos queixais?
Cond. De vós me queixo. *Ped.* De mim?
Cond. De vós, que ſendo o unico allivio
deſta idade cançada, deſdé o inſtante
que a ſanta Providencia a luz do dia

em vós, nos deo, Senhor, hum firme Athlante
para amparo da Luza Monarquia,
quereis hoje que o meu contentamento
se converta em funesto sentimento.
Ped. Sem sujeiçaõ falai, vossos desgostos
quero saber, amigo Condestavel:
toda a attençaõ vos dou, porque respeito
esse branco cabello veneravel:
seja justa, ou injusta a vossa queixa,
formada contra mim, ouvila quero
da vossa mesma boca, e já a espero.
Cond. Animado da Real benevolencia
com q̃ sempre me honrais, Principe invicto,
meu amado Senhor, já exercito
na observancia da lei minha obediencia,
trazer-vos a esta quinta foi preceito
de vosso Regio Pai, pouco distante
de Coimbra o deixei. *Ped.* E a que respeito
de Lisboa sahio? *Cond.* A vir buscar-vos:
e nestas mesmas sálas quer falar-vos:
vossa jurada Espoza
o vem acompanhando, que saudoza
da vossa auzencia .... *Ped.* Basta, Condestavel,
naõ vos posso ouvir mais, e inevitavel
meu desgosto será: da minha auzencia:
a culpa tem meu Pai, pois por violencia
me destina huma Espoza, que aborreço,
e naõ receberei. *Cond.* Oh Ceos! que excesso
vos cega de paixaõ? Quereis, Senhor,
abbreviar a vida a hum Pai cançado?
pouco vos falta já: fim, o pezado
officio de Reinar, o clamor justo
do Povo, e da Grandeza,
que as vossas nupcias pedem, a Princeza,
que teme o ser por vós repudiada,
e quer da Real promessa o cumprimento,
que lhe supplica em lagrimas banhada ....
vossa auzencia da Corte,
os motivos seraõ da sua morte;
e ha de premittir desordens tantas
hum Principe benigno,
prudente, justiceiro, sabio, e dingno
do Imperio reger de todo o mundo?
tremo só de expressalo, e me confundo:
vede se he justa a queixa, que vos faço
de vós mesmo, Senhor? ao meu Rei vejo
por vossa causa afflicto, e alliviar-lhe
tantos golpes mortiferos dezejo;
desposai a Princeza,
hum jubilo completo dais benigno
ao Pai, a Patria, aos Povos, á Grandeza;
por este dia fausto clamaõ todos:
e vós para Reinar fostes nascido,
e deveis contentalos. *Ped.* Tenho ouvido:
se a Coroa comsigo me trouxera
a violencia das nupcias, naõ quizera
o Imperio, e me fora mais suave
com elle demittir o pezo grave
de huma força cruel; de mais; falemos
claro, amigo, huma vez; tantos extremos
no Povo, e em meu Pai, se acazo nascem
por faltar successaõ, já em Fernando
hum Principe lhes dei, e por fim quando
este pague o tributo humano, antes
de cingir a Coroa,
dois Fiadores tem em dois Infantes,
meus ligitimos Filhos. *Cond.* Logo he certo,
que sois de D. Ignez de Castro, Espozo.
Ped. Sim he.
Cond. Oh Ceos! que trance lastimozo
receia o coraçaõ! *Ped.* Que vos assusta?
naõ he minha Consorte acazo digna
de cingir na cabeça a Coroa Augusta
de hum Imperio geral? Suas virtudes
a fazem benemerita: nas veas
lhe gira Real Sangue
de Hespanha, e Portugal. *Cond.* Porém q̃ ideas
a hum segredo, Senhor, vos obrigáraõ,
que vos póde cauzar maior cuidado!
Ped. Foi precizo o silencio; mas agora
declarar-me convem: que estou cazado
saiba meu Pai embora o mesmo sangue
o excitará a amar a mais formoza,
de hum Filho successor a bella Espoza.
Cond. Queira o Ceo que assim seja, e assim lho
peço,
mas temo que o repudio da Princeza
de Navarra o obrigue a algum excesso,
cuidai, como prudente, de applacalo
das iras com que vem, falai-lhe terno.

Sahe

RBC/NcU

Sahe ElRei, e diz para dentro.

Rei. Nenhum entre comigo. *Ped* Pai amado,
nessa maõ Regia estampo da obediencia
puros signaes a vossos pés prostrado.
Rei. Principe, levantai-vos: mal socego
em meu peito a paixaõ. *á parte.*
Ped. Vós no Mondego!
Rei Naõ tendes, Pedro, cauza de admirar-vos,
já que me naõ buscais, venho eu buscar-vos:
Lisboa para vós he odioza?
naõ vos agrada já da Corte o trato,
porque nella prezistem Pai, e Espoza:
Coimbra, inda que nella hum Filho ingrato
habita, me será sempre agradavel.
Ped. Eu de partida estava ....
Rei. Condestavel,
retirai-vos hum pouco. *Cond.* Muito temo
a ira do Pai, do Filho o amante extremo! *V.*
Ped. Ai, adorada Ignez, hum Pai irado
temo, meu bem, por ti: mas só a morte
poderá dezatar o laço forte,
que os nossos coraçoens tem vinculado:
a clauzura ao segredo romper quero. *á part.*
Senhor, se he culpa hum excesso amante ....
mas ai de mim, que observo no seu semblante
mais q̃ hum Pai compacivo, hum Rei severo.
Rei. Continuai, que amante excesso he esse,
que tanto vos perturba, e vos obriga
a fugirdes de mim? *Ped.* Sorte inimiga!
comigo se declara, e se enfurece. *á parte.*
Rei. Em amantes excessos engolfado
estais, quando por vós ha muito espero
para apertar o vinculo Sagrado,
a que vos destinei? Lembrar-vos quero,
que os que para Reinar fomos nascidos
devemos attender ao bem commum,
mais do que ao proprio bem, se inadvertidos
fazem o contrario, he desabono,
da inteireza que pede o Regio Throno.
Ped. A inteireza, Senhor, que vos inflamma
a hum governo feliz, prudente, e justo,
conhece Portugal, e o mundo acclama:
mas naõ restringe tanto o Cetro Augusto.
com os filhos a lei da obediencia,
que os obrigue a hum consorcio por violencia.
Rei. Os consorcios dos filhos dos Reinantes
saõ eleiçoeus dos Pais, estes vem antes
que as Espozas lhes peçaõ, em que estado
tem o seu Reino, buscaõ a alliança,
que melhor lhes convem para o tratado,
de huma serena paz, que a esperança
de hum Reinado feliz; e menos errarõ
do que os Filhos, aos quaes o amor figura
que he dilatado Imperio a formozura;
Rei, e Pai discorri que me convinha
cazar-vos em Navarra: D. Branca
vem para ser de Portugal Rainha;
vós das nupcias fugis; ella prudente
aos meus olhos se queixa, naõ com vozes,
porém sim de seu pranto na corrente:
como Filha a consolo, e lhe prometto
da vossa maõ a posse, acompanhada
de hum verdadeiro, puro, e amante affecto;
mas vós nem quereis ver desempenhada
a palavra Real, nem attendeis
do Reino ao interesse,
erro que sopportar só poderia
o grande amor de Pai, que naõ merece
do Filho a ingratidaõ, e a tirannia;
vossa Espoza comigo vem buscar-vos,
naquella sala está, e quer falar-vos,
ouvila com amor vos he precizo,
naõ queiraes, que comvosco mais me irrite:
extinguio-se a paciencia, e naõ permitte,
que vos faça outro avizo
o respeito de Pai, e autoridade
da offendida, e severa Magestade:
deixai-vos de hum extremo, que a loucura
agradavel vos faz, e advertido
vede que muitas vezes já tem sido
infausta para o mundo a formozura;
vede que inda entre as ruinas dura escrito
o exemplo de muita fatal Scena,
que por Cava, Cleopatria, Porcia, e Elena,
vio Grecia, Roma, Hespanha, Troia, e Egypto:
as cadeias quebremos com que preza
tendes a liberdade, antes que faça
hum louco amor em mizera desgraça
funesta em Portugal outra belleza;

Filho, e Vaſſallo ſois, de vós eſpero
para meu deſempenho o eſforço digno,
ó conſelho abraçai de hum Pai benigno,
ou tremei do rigor de hum Rei ſevéro. *Vai-ſe.*

Ped. Oh crueis ameaças! ſem effeito
arrancar pertendeis
de Ignez a bella imagem de meu peito;
naõ o conſeguireis, inda que afflicto
veja vir ſobre mim quantos eſtragos
vio Roma, Heſpanha, Grecia, Troia, e Egipto,
pois he mais bella a cauza deſta pena,
do que Percia, Cleopatra, Cava, e Elena,
a reziſtir da força ao cruel damno
hum apertado vinculo me obriga,
mas a Princeza vem, ouça a inimiga
da minha meſma boca o deſengano.

Sahe D. Branca.

Branc. Penſativo eſtá, amor
me faça aos teus olhos grata,
e para mais agradalo
me inſpire doces palavras. *á parte.*
Principe, Eſpozo, e Senhor,

Ped. Dai-me, belliſſima Infanta,
a beijar eſſa maõ bella.

Branc. Apartai-vos. *Ped.* Eſta graça
me permetti. *Branc.* Naõ, naõ devo
finezas involuntarias
conſentir, pois bem pondero;
que he politica eſcuzada
beijar Voſſa Alteza a maõ,
que aborreçe. *Ped.* Gentil Branoa,
naõ he muito que a meus labios
negueis a maõ Soberana,
julgando-me delinquente,
talvez ignorando a cauza.

Branc. Naõ ignoro, ſei que fui
aos voſſos olhos infauſta;
que quando hum amante fino
em vos obter eſperava,
hum Eſpozo deshumano
vejo, por ſer deſgraçada.

Ped. Os voſſos merecimentos
vos buſcaõ ſorte mais fauſta,
e ás vezes ſe encontra a dita
onde ſe eſpera a deſgraça:
quem ſabe ſe o Ceo, que tanto
vos honrou de prendas tantas,
para hum Eſpozo mais digno
as voſſas virtudes guarda.

Branc. Ai de mim! que frio gello
o coraçaõ me traſpaſſa!
eſpozo mais digno! logo
ſou por vós repudiada?
E viria a Portugal
huma Infanta de Navarra,
para eſte deſprezo? Naõ;
ſabio ſois, vede que a inſtancias
de voſſo Pai, meu Irmaõ
a ſer Conſorte me manda;
delle vos queixai, ſe acazo
vos ſaõ as nupcias pezadas,
e naõ de mim, que ſó dei
ao voſſo infortunio cauza,
em fim, eu ſou voſſa Eſpoza,
e já voſſo Pai me acclama
Princeza de Portugal,
ſe fui de Navarra Infanta.

Ped. Iſſo, naõ vivendo Ignez,
a quem meu peito idolatra. *á parte.*
Senhora, por pouco tempo
vos ſopplico attençaõ, faia
já pela voz o ſegredo,
que guardo occulto em minha alma.
Sentai-vos. *Branc.* Inda que ouvir
mais affrontas julgo inſſania,
refinar quero o veneno
por ver ſe depreſſa mata. *á parte.*
Dizei. *Ped.* Ouça Voſſa Alteza?
Cazei, Senhora, em Heſpanha
primeira vez cõ a bella
Infanta D. Conſtança,
que pelas ſuas virtudes
em melhor vida deſcança.
Quando a fazer-me ditozo
veio minha Eſpoza amada,
trouxe em ſua companhia
a Portugal huma Dama,
a quem o ſeu Regio ſangue
pelas veias circulava:

eſta,

eſta, que da natureza
goza perfeiçoens mais raras,
Dona Ignez de Caſtro he,
a quem Portugal, e Heſpanha
por diſtinctivo de bella
nomeaõ Colo de garça.
Voſſa Alteza me perdoe,
que tanto chegue a exaltala
na ſua prezença, ſendo
de iguaes prendas adornada;
nunca imaginei, que morta
a minha Conſorte cara,
conſeguiſſe outra belleza
de meu coraçaõ a entrada;
mas amor, que impio, e ſoberbo
receia a minha conſtancia,
arma o arco, e novas flexas
contra o meu peito diſpara;
como quem de huma izençaõ
pertende tomar vingança:
huma tarde, que em Lisboa
pelo jardim paſſeava
de Palacio, tarde em que
mais bella Aurora rozada
amanheceo aos meus olhos,
para que quando ſe acaba
o dia mais bellos raios
illuminaſſem minha alma:
vi a Dona Ignez taõ bella,
que a huma fonte encoſtada
parecia para adorno,
que era de alabaſtro eſtatua:
muitas vezes tinha viſto
a ſua belleza rara:
mas nunca me pareceo
taõ gentil, taõ engraçada,
como eſta tarde, em que amor
quiz dar principio á vingança:
vendo eſtive alguns inſtantes
por entre as floridas ramas,
e ſem poder ſupportar
o incendio, que me abraza,
chego a falar-lhe, e apenas
me aviſta, ſobreſaltada,
muda a bella côr do roſto,
e quer fugir-me apreſſada:
rogo-lhe, que por piedade
me attenda, a expreſſaõ me eſtranha
com ſemblante taõ modeſto,
que reſpeito me inculcava,
e algum tempo ficámos,
eu mudo, e ella perturbada:
té que rompendo o ſilencio,
proferi algumas palavras,
que para ſerem amantes
o coraçaõ mas ditava:
reprehendeo-me aſperamente,
ſevera, confuza, e irada,
que he ſoberba a honeſtidade,
ſe crê que a expreſſaõ a aggrava;
quer proſeguir a fugida,
e lhe digo, ah meu bem, pára,
ſe o Ceo te creou taõ bella,
naõ ſejas comigo ingrata,
ſe qual dizeis ſou, reſponde;
naõ permitta á ſorte infauſta,
que fazendo-me o Ceo bella,
eu propria horrenda me faça.
Soceguei-a, aſſeverando,
que quem Eſpoza a buſcava,
naõ era para a fazer
horrenda, nem deſgraçada.
Eſta ſuave expreſſaõ
me ouvio Dona Ignez mais grata,
e fez com que o juramento
revalidaſſe a palavra:
meu Pai, que amor criminozo
julga ſer noſſa conſtancia,
em fim para ſeparar-nos
buſcar Voſſa Alteza manda,
ſem me dar hum leve indicio
deſtas nupcias ajuſtadas;
erro que ſendo ſó delle,
Voſſa Alteza he quem o paga,
mas como diſcreta, e juſta
ſois, eſpero, excelſa Infanta,
que naõ fulmineis rigores
contra minha Eſpoza amada,
pois fruſtrais a tirannia,
mallogrando as eſperanças,

vede que deſta uniaõ,
com tanto amor apertada;
nos deo o Ceo dois Infantes
taõ gentis, que nos ſeus roſtos
adoro a Mãi retratada:
queremo-nos taõ conformes,
que até as meſmas Serranas
os noſſos puros amores
contaõ com ſincera graça:
e huma pequena fonte,
para donde manhans varias
me vai eſperar Ignez,
com todos os da Comarca,
a Fonte das ſaudades,
por lizongear-nos, chamaõ.
Voſſa Alteza me perdoe
a narraçaõ, que aggravala
naõ foi meu intento, fim,
com ſinceridade exacta,
quando enganada a julguei,
foi juſto deſenganalla,
franqueando-lhe as virtudes
campo para acçoens bizarras:
e ſe em Portugal naõ tem
Eſpozo, muitos Monarcas
eſtimaráõ eſta dita,
que vos parece diſgraça:
e porque me eſpera Ignez,
e julgará de amor falta
a minha auzencia, ignorando,
que teve taõ juſta cauza,
dai-me licença, Senhora,
que a ver minha Epoza parta,
pois he bem que aſſiſta o corpo
na parte onde exiſte a alma. *Vai-ſe.*

Blanc. Oh Ceos! como ainda reſpiro,
eſcutando injurias tantas;
mas he que contra o ingrato
reſpiro acerbas vinganças:
temerario! e ſe atreveo
á minha viſta, que audacia!
a dizer, que por Ignez
a minha maõ deſprezava!
pois morra Ignez, que por ella
o meu decoro ſe ultraja;
e ſe huma mulher zeloza
ſó comſigo ſe compara,
ſerei contra eſta inimiga
impia, féra, deshumana,
a quem naõ abrandem rogos,
nem lagrimas derramadas:
vingativo, e rigorozo
ElRei juſtiça me faça,
cortando de hum golpe hum laço,
que he dos meus deſprezos cauza. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Jardim com aſſentos: Sahe Dona Ignez, e Dona Violante.

Viol. BElliſſima Senhora, eſtais cançada?
Ign Cançada eſtou, minha Violante amada.
Viol. Vós nunca ſocegais, triſtes cuidados
vos daõ ſemprá as paixões crueis de amores,
toda a manhã andaſtes pelos prados
matando as aves, e pizando flores,
más como ao voſſo Principe naõ viſtes,
vos recolheis, Senhora,
mais perolas vertendo do que Aurora.
Ign Ai, Violante, naõ ſei que imagens triſtes
me infundem taõ fatal melancolia.
que naſcer já naõ vejo a luz do dia
alegre para mim, como naquellas
ſerenas madrugadas, em que vendo
pelo Ceo eſconderem-ſe as eſtrellas
os meus tenros amores me levavaõ
as luzes, que os meus olhos procuravaõ:
e quando alli chegava o meu Eſpazo
me parecia o dia mais formozo;
já naõ ſei, naõ, o que he viver contente:
pelas magens do rio caminhando
os meſmos paſſos dou, mas taõ differente
da que fui: que de mim propria me eſpanto:
parece que em mortal deſaſſocego
intenta o coraçaõ desfeito em pranto
augmentar as correntes do Mondego:
á fonte chego, em fim, e já aviſtando
o meu Principe ao longe, que apreſſando
os paſſos vem, por vêr-me de mais perto
ſuavizando hum pouco o meu deſgoſto.
ſó por naõ affligilo, porque o amo,

ale-

alegria fingindo no meu rosto,
as lagrimas lhe escondo, que derramo:
ouço lhe as expressões ternas, e amantes
mas já me naõ parecem como d'antes
naquelle mesmo sitio taõ suaves
ao som da fonte a musica das aves;
nem já gosto de ver o ameno prado
de mui viçozas flores matizado:
o canto das Pastoras me aborrece,
e quanto me alegrava me intresteçe.

Viol. Da vossa profundissima tristeza
naõ comprehendo o motivo:
acazo naõ vos ama sua Alteza
já com aquelle amor puro, e excessivo,
com que antes vos amava?

Ign. Minha Violante,
naõ ha mudança em seu amor constante.

Viol. E vós naõ lhe quereis da mesma sorte!

Ign. Extinguir meu amor só póde a morte.

Viol. Se vos ama, e se a mais a vosso Espozo
com reciproco extremo,
naõ sei que vos assusta.

Ign. Temo, e tremo
do rigor de hum Reinante poderozo:
depois que em Portugal entrou a Infante
para ser do meu Principe Consorte
naõ socega meu peito hum só instante;
contra mim conjurada vejo a sorte,
mil imagens funestas me apparecem,
vejo empunhar contra meu peito afflicto
por huma cruel maõ espada aguda,
sobresalto-me, bramo, choro, e grito
pelo meu caro Espozo, que me acuda:
desta afflicçaõ intensa combatida
os sentidos recobro, e entaõ me sinto
n'um confuzo, e penozo laberinto,
como se fora certo
o estrago fatal em que desperto. *Senta-se.*

Viol. Perdoai-me, Senhora, eu vos exponho
tudo que me succede, quando sonho:
se he coiza triste, e acordo de repente;
meu coraçaõ respira,
e fico socegada, e mui contente,
vendo o sonho funesto ser mentira:
se era dita, entaõ fico magoada,
porque foi para mim dita sonhada:
de funebres imagens mentirozas,
apartai, apartai vosso cuidado,
pois sois feliz com vosso Espozo amado.

Ign. Feliz fui, e seria, se naõ visse,
que huma Infanta, com titulo de Espoza,
para inimiga he muito poderoza;
ella póde ser cauza dos meus damnos!
e Pedro, inda naõ vem? *Viol.* Minha Senhora,
tudo vos dá cuidado: elle se afflige
por vos ouvir gemer a toda a hora;
e por naõ escutar tantos suspiros
foi divertir-se á caça, os seus retiros
naõ vos affligiaõ, que elle virá logo.
elle muito vos ama... mas que dita: *á parte*
adormeceo minha ama; o Ceo permitta
a tantas afflicçoens dar-lhe socego!
vou buscar-lhe os filhinhos, bellas flores;
essa flor me guardai, que vos entrego;
mas oh, que muito me alegro, Sua Alteza
para aqui apressado se encaminha.

Sahe D. Pedro.

Ped. Violante? *Viol.* Senhor. *Ped.* Aonde a minha
querida Espoza está? *Viol.* Nesse alegrete
agora adormeceo, vede que bella!
com as flores matiza hum ramalhete.

Ped. Gentil Ignez... *Viol.* Compadecei-vos della,
naõ a acordeis, Senhor, que he impiedade.

Ped. Meu excecivo amor, minha saudade
naõ posso mitigar.

Ign. Detem-te, espera... *Sonhando.*

Ped. Sonhando está Ignez. *Viol.* Que fatal lida!

Ign. Naõ me mates tiranno; *Sonhando.*
Pedro, meu bem, Espozo. *Ped.* Minha vida.

Ign. Oh de huma confuzaõ barbaro effeito.

Ped. Muito a teu susto devo pois te trouxe
a descançar em meu rendido peito.

Ign Ceos! que feliz encontro? *Ped.* Idolo amado,
teus alentos recobra valeroza,
ainda que estais com o susto mais formoza:
que sonhavas, Ignez? *Ign.* Que hum coroado
Leaõ enfurecido me matava,
e dos braços os filhos me arrancava.

Viol. Triste Senhora: Saiba Vossa Alteza,

que

que naõ póde viver a ſua Eſpoza
com tantas confuzoens : nella naõ goza
hum inſtante de alivio :
apenas Voſſa Alteza ſe retira ,
afflige-ſe , conſome-ſe , e ſuſpira :
ſe por acazo dorme alguma hora ,
ſe lhe figura em ſonhos mui funeſtos ,
que hũ impio a quer matar, deſperta, e chora.
Ped. Que fúnebres perſagios, que moleſtos
para mim tambem ſaõ : *á parte.*
Ign. Caro Conſorte ,
de ſemblante mudais a minha ſorte ,
temeis que ſeja infauſta , em que conſiſte
a voſſa confuzaõ , que o peito ſente ?
Ped. Quando te vejo , Ignez , afflicta, e triſte ,
fora falta de amor viver contente ,
oh naõ queiras, meu bem, meu doce encanto,
eclipſar de teu roſto as luzes bellas
com as ternas correntes de teu pranto :
eſſas gentis belliſſimas eſtrellas ,
que ſempre para mim foraõ benignas ,
e que ſempre por mim foraõ amadas ,
nem poſſo ver em rios tranformadas ,
nem devem ſer annuncios de ruinas :
recobra , Ignez amada , a alegria ,
que algum tempo brilhava em teu ſemblante,
naõ temas a huma vaga fantazia ,
tendo em mim defenſor, Eſpozo, e amante :
vê, pois, que muitas vezes nos figura
a mentiroza idea ,
ou a poſſe do bem , que ſe procura ,
ou effeito do mal , que ſe receia ;
ſente-ſe, em fim, como ſe certo foſſe ,
e depois ſe examina fingimento
o effeito do mal , do bem a poſſe.
Ign. Senhor , ſe de taõ aſpero tormento
me quereis procurar o lenitivo ,
naõ me deixeis , faltando-me a fé pura ,
que guardar me juraſtes excecivo.
Ped. Deſconfias de mim ? *Ign.* A formozura
da Infanta de Navarra ... *Ped.* Eu a aborreço.
Ign. Mas voſſo Pai a adora com exceſſo ?
Ped. Sou já voſſo Conſorte. *Ign.* Elle o ignora.
Ped. Talvez o ſaiba já : eu meſmo agora
a Franca affeverei que deſpozado ,
meu bem, comtigo eſtava. *Ign.* Oh duro fado
e ella em Coimbra eſtá ? *Ped.* Sim, q̃ receias?
Ign. Sinto gelar-ſe o ſangue pelas veias !
e veio voſſo Pai ? *Ped.* Com ella veio.
Ign. Oh mizera de mim ; o meu receio
ſe vai verificando rigorozo :
naõ me deſampareis, amado Eſpozo.
Ped. Deſampatar-vos eu , Eſpoza minha !
naõ me aggraveis , ſuppondo tal mudança ;
ſe a vida me aſſiſtir tendes a eſperança ,
que haveis de ſer de Portugal Rainha.
Ign. Naõ he do Throno a Regia autoridade
quem me incitou a dar-vos ambicioza
em meu amor imperio , e liberdade :
poſſua quem quizer a Monarquia ,
que á ſua dignidade naõ aſpiro ,
ſó dezejo gozar neſte retiro
em doce paz a voſſa companhia ;
aqui me agradaõ mais voſſas finezas ,
que lá da Corte os fauſtos , e grandezas ?
voſſos filhos aqui irei criando ....
Viol. Guardas Reaes , Senhores , vem entrando
pela porta da quinta. *Ped.* Ah, q̃ he meu Pai !
Ign. Onde me eſconderei ? *Ped.* Idolo amado,
naõ temas damnos , tendo-me a teu lado.
Ign. Oh deixai-me fugir do meu diſtino.
Ped. Naõ fujas, fala ao Rei, que elle he benigno,
naõ te retires : parto a recebelo. *Vai-ſe.*
Ign. Vai buſcar-me os meus filhos , doce fructo
de meus funeſtos , e amorozos laços,
que talvez que naõ tenha outro minuto
para lhe dar os ultimos abraços.
Viol. Vede como vos vem buſcar contentes.

Sahem os dois Infantes , D. Affonſo , e D. Diniz.
Ign. Vinde, vinde meus filhos innocentes ,
amadas prendas , que a minha alma adora ,
abraçai-me, abraçai-me. *Aff.* De que chora
minha querida Mãi ? *Ign.* A voſſa idade
he mui terna , meu filho , naõ ſabe ainda
ter de huma infauſta Mãi juſta ſaudade.
Aff. Eu o que he ſentimento naõ ignoro ,
quando chorar vos, vejo tambem choro.
Ign. Ai Affonſo , e Diniz, caras delicias.
de meus ternos amores : o impio fado

vos quer roubar as maternaes caricias.
Aff. Naõ chore, minha Mãi, que nos magoa.
Ign. Com vosso Avó ireis para Lisboa.
Aff. E naõ ha de ir tambem? *Ign* Oh sorte dura!
irei filhos para huma sepultura.
Viol. Vós nos quereis matar com o inceſſante
vaticinio do eſtrago.
Ign. Delle me aviza o coraçaõ preſago....
ah, miſera de mim, que vem o Infante!
Viol. Animai-vos, Senhora, ah tal fadiga!
Ign. Como poſſo, ſe vejo, oh rigor fero!
para ſentenciar-me hum Juiz ſevero,
e para me accuzar huma inimiga?
Aff. Minha queri la Mãi, que gente he eſta?
Ign. Veio com voſſo Avó. *Aff.* Eu quero vê-lo,
para a maõ lhe beijar, e conhece-lo.
Ign. Quẽ poderá fugir! ſorte funeſta! *Eſconde-ſe.*

Sahe ElRei D. Affonſo, e Principe D. Pedro, a Infanta D Branca, Alvaro Gonſalves, e Egas Coelho, e Soldados.

Rei. Mais ouvir-vos naõ poſſo. *Ped.* Que tormẽto!
que ſois, meu Pai, benigno, o mundo entenda.
Rei. Baſta, Pedro, já pela voſſa emenda
ſe cançou de eſperar o ſoffrimento.
Ign. Triſte de mim, ElRei ſe moſtra irado! *á part.*
Ped. Tanto rigor comigo, Pai amado?
Rei. Hum abſoluto filho naõ merece,
os agrados do Pai, nem os conhece.
Ign. (Naõ me animo a falar-lhe, oh mortal ſuſto!)
Eg. Senhora, ſocegai q̃ o Rei he juſto. *Para Branc.*
Alv. Pela voſſa razaõ acudir deve. *á meſma.*
Branc. Nem a falar o infeliz ſe atreve:
naõ fique a minha fama indecoroza,
principie a vingança em ſua Eſpoza. *á part.*
Rei. Em fim, Principe, he tempo de que a Infanta
veja por mim cumprida a Real promeſſa,
dando-lhe a voſſa maõ: o mundo todo
neſtas nupcias precizas ſe intereſſa,
vede que he amanhã o ultimo dia,
que vos aſſigno para effectua-las,
e ſe obſtaculo houver a embaraça-las,
ſevero o cortarei. *Ped* Que tirannia! *á p.*
Branc. Suſpenſo eſtá o ingrato. *á parte.*
Ign. Oh cruel tranze!
Ceo benigno, animai-me neſte lance.

Sahe Ignez.

Ign. Como Vaſſalla humilde, e reverente
beijo a benigna maõ da Mageſtade.
Rei. Como he bella, agradavel, e prudente,
ſeu eſtado me obriga a ter piedade. *á part.*
Branc. Naõ lhe dá attenção: ſó de vingar
o meu deſprezo trata. *á parte.*
Rei. Nunca a meus olhos pareceo taõ grata. *á p.*
Erguei-vos D. Ignez de Caſtro, erguei-vos.
Ign. Dondé poderei ter lugar mais digno,
que as plantas do meu Rei, meu Rei benigno,
porquem ſupplico ao Ceo enternecida,
que lhe dilate com o imperio a vida.
Rei. Levantai vos. *com ternura.*
Ign. De mim ſe compadece. *á parte.*
Rei. Que modeſto falar! que honeſtidade! *á p.*
Ped. Reſpira coraçaõ, que ſe enternece
meu Pai por ver a Ignez ſabia, e amoroza. *á p.*
Branc ElRei a attende muito: de zelloza
mal reprimo o furor! *á parte.*

Sahem os Infantes.

Ign Diniz, Affonſo, reverentes chegai, e obzequiozos
beijai aquella maõ Real, que póde
fazer os infelices venturozos.
Aff. Vem Diniz: dê-nos Voſſa Mageſtade
a beijar a maõ Regia. *Rei.* Que belleza!
ſaõ retratos da Mãi na gentileza;
converteo-ſe o rigor em doce agrado: *á p.*
como he o voſſo nome? *Aff.* D. Affonſo.
voſſo Neto, e Creado.
Rei. Sabeis que ſois meu Neto? *Aff.* Certamẽte:
diſſe-me minha Mãi, e eu contente
fiquei de conhecer-vos. *Ign.* Com razaõ,
pois tendes hum Avó mui generozo.
Rei. E mui diſcreta Mãi: oh Ceo piedozo,
encobrir já naõ poſſo os meus affectos! *á p.*
Branc. Que examino, ai de mim; que injuria he
eſta? *á parte.*
Carinciar ElRei vem os ſeus Netos,
quando a minha vingança me proteſta? *á p.*
Rei. Vamos, Infanta: D. Ignez, a Deos.

Ign. Prosperem vossa vida os justos Ceos,
e a Vossa Alteza, a quem humilde peço,
que se digne .....
Branc. A attenção vos agradeço. *Com ironia.*
Ign. Dissimular não póde a ira acerba? *á p.*
Branc. Que fingida humildade! *á p.*
Ign. Que soberba! *Ped.* Mui altiva, e orgulhoza
a Infanta dezattende a minha Esposa,
faltando-lhe ao respeito;
mas he discreta, Ignez, tolerar sabe
as paixoens feras de hum zelozo peito. *á p.*
Branc. Ou vinde, ou me irei. *Para o Rei.*
Rei. Vamos, Senhora.
Branc. Não me pareceo nunca, que á prezença
me trouxesses da minha contendora,
para testemunhar a minha offensa.
Rei. Outros forão, Infanta, os meus projectos,
mas que quereis que faça?
Branc. Que desculpeis a Nora, e mais os Netos:
eu só lamentarei minha desgraça.
Rei. Oh dura obrigação da Magestade!
muito custa a mostrar-me Juiz inteiro!
pois em cazo tão grave, e lastimozo,
se huma parte me incita a ser piedozo,
a outra a ser-me obriga justiceiro;
e parece, que nesta amarga scena,
o delinquente eu sou, pois sinto a pena. *á p.*
Branc. Está suspenso. *á p.*
Rei. Vamos. *Eg.* Senhor, vede,
que embaraço tão forte vos impede
de todo o Reino a paz. *á p. para o Rei.*
Rei. Vejo, e me assusto!
venceo a compaixão ao meu dizignio: *á p.*
discorreremos no que for mais justo.
Alv. Para socego obter vosso dominio
convem effectuar-se o cazamento,
da Infanta de Navarra! *á p. para o Rei.*
Rei. Que tormento,
basta de consternar-me.
Ped. Que faláraõ de mim? Tristes cuidados!
estes meus inimigos disfarçados.
Branc. Já não posso soffrer o mal que occulto. *á p.*
Senhor, inda não vamos?
Rei. Sim, Infanta. *Partindo.*
Ign. Permitti-me outra vez o Regio indulto
de beijar-vos a mão, Affonso invicto,
meu Rei, e meu Senhor. *Rei.* Oh lance afflicto!
Ign. A estes adoraveis innocentes,
que vossos Netos saõ, e Filhos meus,
a mão lhe dai tambem. *Rei.* Como contentes
se chegaõ para mim? Filhos, a Deos.
Aff. A Deos querido Avó.
Rei. Quereis comigo ir para a Cidade?
Aff. Naõ Senhor, nossa Mãi em nos naõ vendo,
chora de saudade. *Rei.* Mui bem os educais.
Ign. A vós, Senhor, meus filhos recommendo,
se pela Mãi vos forem odiozos,
fazei-os pelo Pai que têm ditozos,
recordai-vos de mim compadecido.
Rei. Esconder quero o pranto enternecido:
bella infeliz Ignez, oh permittisse
o Ceo, que Portugal nunca te visse! *Vai-se.*
Branc. Morrendo vou, nem posso em tal desgosto,
ver da minha rival o gentil rosto. *Vai-se com Alvaro, e Egas.*
Ped. Ignez querida .....
Ign. Espozo idolatrado .....
Ped. Que acompanhe a meu Pai mãda a obedien-
Ign. Já me quereis deixar: oh dura auzência! (cia,
Ped. Comvosco, meu bem, fica o meu cuidado.
Ign. Comvosco vai aquella saudade,
que alcanço á minha dór, quando vos vejo:
meu bem, tornareis logo?
Ped. O meu dezejo
apressará os voos da saudade:
amados Filhos meus da alma pedaços,
ficai com vosso Mãi, e dei-me os braços.
Aff. De-nos a sua mão.
Ped. Tomai, Infantes.
Ignez.
Ign. Espozo meu?
Ped. Prenda querida?
Ign. Funesta auzencia!
Ped. Triste despedida!
Ambos. A hum coraçaõ fiel, oh justos Ceos!
muito custa a dizer a Deos, a Deos. *Vaõ-se.*

SCENA

ACTO II. SCENA I.

Camara no Palacio de Alvaro Gonsalves: Sahe este, Egas Coelho, e a Infanta.

Branc. POdeis ir dizer a ElRei
que estou resoluta: bastem
de injurias; para Navarra
hei de partir esta tarde.
Egas. Vossa Alteza se modere,
com o que Sua Magestade
por nós lhe manda intimar.
Branc. A minha affronta he mui grande,
e das promessas de ElRei
já posso dezenganar-me,
pois nunca teraõ effeito,
que me seja favoravel.
Alv. Se ElRei compassivo hoje
naõ pode de Ignez vingar-se;
talvez que á manha severo
feixe os olhos a piedade.
Branc. As lagrimas da fingida
saõ estimulos bastantes
para lhos fazer abrir;
e se estas lhes naõ bastarem,
nas graças dos ternos filhos,
que ao Avó foraõ agradaveis,
tem gratos intercessores
para a justiça applacarem.
Egas. ElRei he sabio, e vencer
quer com affabilidade,
que de D. Ignez de Castro
o Principe se separe,
sem que se queixe a clemencia,
nem a justiça se aggrave.
Branc. Inutilmente procura
dezatar hum laço amante,
que liga a dois coraçoens,
onde ha huma só vontade.
Alv. Os horrores do castigo
effeitos contrarios fazem:
nas separaçoens das vistas
póde ser que o tempo apague
as chammas, que amor acende
na prezença dos semblantes.
Branc. Naõ quero que a experiencia
faça dupplicar ultrajes:
já o meu respeito altivo
tem supportado bastantes,
e será indecorozo
tolerar mais sem vingar-me.
Egas. O cumprimento das nupcias
será vingança bastante.
Branc. Como? Se o Principe estava
cazado com Ignez antes
que eu viesse a Portugal
por minha infelicidade?
Elle mo disse a mim propria,
para mais dezenganar-me
Alv. Senhora, ElRei vos affirma,
que o Principe, que o Ceo guarde,
esse fingido embaraço
buscou para desculpar-se.
Branc. Mais me offende, e naõ he bem,
que em Portugal me dilate:
quem desculpar-se procura
das nupcias, dá indicios graves
de que a Esposa lhe aborrece,
ou intenta espozar-se:
e taõ indiscreta, oh Ceos!
eu seria, que acceitasse
hum Hymineo constrangido;
naõ, que fora sujeitar-me
aos preceitos de consorte
sem os agrados de amante:
de mais, precizaõ naõ tinha
o Principe de enganar-me:
com ella está recebido.
Egas. Pois se acazo for verdade,
a vida de Dona Ignez
está em perigo grande

Alv. Infeliz he a uniaõ
ſe ha de dividila o ſangue,
mas a Real palavra o manda,
e o pedem voſſos ultrajes.
Branc. Que dizeis! Eu me horrorizo
deſſe intento abominavel:
vim a ſer Eſpoza, e naõ
a matar quem o era antes
do que eu. *Alv.* Porém... *Branc.* Tenho ouvi-
Egas. Já do ſeu quarto ElRei ſahe. (do.
Alv. Julgo que vem procurar-vos.
Branc. Para mais atormentar-me.

Sahe ElRei.

Rei. Infanta, adorada Filha,
como ſabia deſculpai-me
a demora de buſcar-vos.
Branc. Benigno intentais honrar-me.
Rei. Voſſos meritos ſublimes
ſaõ os eſtimulos graves:
que em meu peito produziraõ
affectos inevitaveis,
e tanto, Filha, que julgo,
que a eſte amor inexplicavel
naõ póde igualar aquelle,
que da natureza naſce.
Branc. Voſſas expreſſoens ſaõ filhas
da pura ſinceridade:
conheceis que voſſo Filho
dizer finezas naõ ſabe,
e quereis ſupprir lhe as faltas
moſtrando-vos Pai, e amante.
Rei. O tempo, ou a obrigaçaõ
o enſinará. *Branc.* Perdoai-me:
mudai, Senhor, de diſcurſo,
falemos na brevidade
da minha partida. *Rei.* Oh Ceos!
quereis, Senhora, deixar-me?
Branc. Rei invicto, excelſo Affonſo,
permetti que vos relate
a razaõ das minhas queixas,
e neſtes breves inſtantes
fale ſó a eſtimaçaõ,
e os mais affectos ſe callem,
que he ſubtil de amor o aggravo,
onde ha do decoro ultraje:
para Eſpoza de D. Pedro
com meu Irmaõ me ajuſtaſtes,
o qual em execuçaõ
pos logo a minha viagem:
paſſada, em fim, a tormenta,
para outra ſentir mais grave,
entrei no famozo Tejo,
que banha a illuſtre Cidade
de Lisboa, e em ſuas praias
deſembarquei huma tarde:
ſahiſteis a receber-me
com pompas, e fauſtos grandes,
que logo funeſtos lutos
foraõ para os meus pezares:
pois quando por voſſo Filho
eſperava, para dar-lhe
com a maõ de Eſpoza hum
coraçaõ terno, e amante,
ſube, que mais doces laços
o prendiaõ em outra parte;
e ſem o dezatar,
ao menos a curioſidade
de ir do Mondego a Lisboa,
para ver o meu ſemblante,
vós de Lisboa ao Mondego
me trouxeſtes a falar-lhe:
extraordinarios excéſſos
bem contra a civilidade;
naõ ſei o que lhe diſſeſtes;
mas bem poſſo aſſegurar-me,
que em defender a juſtiça,
ſerieis da minha parte;
falou-me Pedro, os empenhos,
que tive, em poucos inſtantes,
que o attendi, naõ he bem,
que a minha boca relate:
baſta-me, ſendo quem ſou,
que os ſaiba, os ſinta, e os calle;
digo ſó, qué temerario....
vamos, Senhor, a diante,
e perdoai-me que os zellos
chegaõ a precipitar-me,
e o coraçaõ aos labios
quer ſubir para queixar-ſe:

paſ-

paſſadas varias injurias,
que ſó em meu peito cabem;
á quinta aonde Ignez exiſte
fui, porque vós o ordenaſtes,
para voltar mais afflicta
do que me ſentia d'antes:
pois cuſtaõ mais as ofenſas
quando em prezença ſe fazem
de quem com deſprezo alheio
fica vaidoza, e triunfante.
A pezar da minha affronta
póde Ignez vangloriar-ſe,
ſe quando vos teme irado,
entaõ vos encontra affavel:
proferindo em ſeu favor
muitas expreçoens ſuaves;
mas por naõ ſer teſtemunha
outra vez dos meus ultrajes,
a voſſo Filho dizei,
que acertou em empregar ſe
em quem de poſſui-lo he digna:
porém que attento repare,
que nem todos como eu ſoffrem
os deſprezos ſem vingar-ſe:
com minha auzencia as occultas
nupcias ao Reino declare,
que augmenta o prazer de hum bem
ſaber que todos o ſabem:
vós, Senhor, ſe compaixaõ
tendes deſta adverſidade
naõ me embaraceis a auzencia,
porque ſerá obrigar-me
a que furioza limite
minha injuria com meu ſangue:
o retirar-me he prudencia,
que deveis, Senhor, louvar-me,
e inda culpando-me eſtou
rezoluta, o Ceo vos guarde. *Vai-ſe.*

Rei. Eſperai: a demorala
parti, Alvaro Gonſalves.

Alv. Eu parto, e vós evitai
hum obſtaculo taõ grande
ao voſſo deſcanço, e noſſo. *Vai-ſe.*

Rei. Ceos! como poſſo moſtrar-me
juſticeiro, e compaſſivo
ao meſmo tempo? Perſuadem,
que preciza huma vingança
as juſtas queixas da Infanta:
mas as lagrimas de Ignez
ſaõ mui dignas de piedade.

Egas. Senhor, voſſa compaixaõ
ſerá a hum Reino eſtranhavel,
que as nupcias de Sua Alteza
pede com inſtancias grandes.

Rei. O amor, que a Ignez tem,
o violenta a que me falte
ao preceito, e ignoro o como
deſta uniaõ o ſepare.

Egas. Nem vivendo D. Ignez
conſeguireis que ſe aparte
della o Principe. *Rei.* Oh Ceos! logo
devo o ſangue derramar-lhe?

Egas. Mais que huma vida, Senhor,
he o ſoccego importante
de hum Reino. *Rei.* Triſte de mim!

Egas. O Principe vem. *Rei.* Falar-lhe
devo qual Rei offendido,
e naõ como Pai affavel;
pois ſe o naõ move a brandura,
trema da ſeveridade!
retirai-vos a elle quarto,
Egas, até que eu vos chame.

Egas. A execuçaõ deſtas nupcias
pede toda a brevidade. *Vai-ſe.*

Sabe o Principe.

Ped. Senhor? *Rei.* Que me quereis?

Ped. Oh Ceos! que aſpecto!

Rei. Falai, que me quereis, Filho indiſcreto?

Ped. Suffoca-me a expreçaõ o voſſo enfado.

Rei. Notavel obediencia, eſtais lembrado
de que vos intimei, que ao novo dia
haveis de ſer de D. Branca Eſpozo?

Ped. Se naõ poſſo, Senhor.... *Rei* Toda a profia
inutil vos ſerá. *Ped.* E rigorozo
quereis obrar comigo huma violencia?
onde o affecto de Pai, onde a clemencia
de humano me eſcondeis que em voſſo roſto
coberto de fatal ſeveridade
leves finaes naõ vejo de piedade?

Rei.

Rei. Vós sois cauza do vosso, e meu desgosto,
e quando com o Rei he o Filho ingrato
pede da Magestade a inteireza,
que de Pai me naõ vença o docil trato,
e que as Leis possaõ mais que a natureza!
as Leis sabeis quaes saõ? Em observalas,
cuidai como Vassallo, o amor paterno
naõ me ha de violentar a moderalas
comvosco de algum modo,
porque no seu vigor me empenho todo.

Ped. Vede, Senhor, que excésso taõ constante
á mesma natureza he repugnante.

Rei. Se vós vos esqueceis, por serdes Filho,
de que Vassallo sois, eu neste excésso,
porque sou Rei de que sou Pai me esqueço.

Ped. Pois q̃ quereis de mim? Quereis matar-me?
A' vossa Lei, minha obediencia humilho,
que inda que me tenhais por máo Vassallo,
nunca me esquecerei de que sou Filho.
Quem podera das iras soccegalo,
para que contra Ignez... mizera Espoza,
naõ volte a vingança impia, e rigoroza. *á p.*

Rei. Filho infeliz, enternecido o vejo,
e menos me naõ sinto, mais que a força,
os affectos de Pai mostrar dezejo?
Mas desta compaixaõ me maravilho,
ceda o ingrato já, pois naõ he justo,
que eu falte, sendo Rei, porq̃ elle he filho. *á p.*
Pedro, qualquer demora, maior susto
vos póde motivar, tende entendido,
que naõ posso ceder, nem mé he devido.

Ped. Ponderai-me, Senhor, no mesmo estádo
dai-me tiranna morte,
que eu a recebo a vossos pés prostrado.
Porém naõ me obrigueis a ser consorte,
que nunca hei de cumprir vosso preceito.

Rei. Temerario, assim faltas ao respeito,
que se deve guardar ao Soberano!
pelas Sagradas Leis que ao mundo regem,
quem viver poderia entre os humanos
se destas o rigor naõ supprimisse
a propensaõ da culpa aos malfeitores,
homecidas, perversos, e traidores;
e ainda assim, oh Ceos! entre os viventes
para os Pais Filhos ha dezobedientes;
até hoje, entendi que do consorcio
fugias por viver á tua vontade:
agora verifico que outras nupcias
te prenderaõ a muito a liberdade!
á Infanta tu mesmo o declaraste,
mas que fora, entendi, falso pretexto,
que para dissuadi-la procuraste;
porque capacitar-me naõ podia,
que chegasse, offendendo o meu decóro,
a taõ cega paixaõ tua ouzadia;
permitta o justo Ceo que seja engano:
mas se verdade for .... mizera Ignez!
precizo se me faz seu fatal damno.

Ped. Ah, Senhor, que dizeis? Que crueldade
vos move a huma tragedia rigoroza,
que o mundo estranhará? Sendo verdade,
que eu a fiz, porque a adoro, minha Espoza,
que culpa tinha a minha innocente!
se foi delicto, eu sou o delinquente.

Rei. Dessa dezobediencia temeraria
foi culpa huma belleza extraordinaria;
como primeira cauza do delicto
a belleza se extinga. *Ped* Oh impia estrella!
logo culpaes o Ceo porque a fez bella?

Rei. Que proferes! reprime essa loucura?
para perturbadora do socego
o Ceo naõ a adornou de formozura;
em fim, quero q̃ morra. *Ped.* Outra esperança
naõ ha já para mim? *Rei.* Quero que morra.

Ped. Funesta póde ser essa vingança.

Rei. Sim, funesta será a ti, e a ella.

Ped. Mudai de sentimento. *Rei* Naõ, naõ mudo.

Ped. Vede que o sangue, a vida, e por fim, tudo
eu mesmo arriscarei por defende-la.

Rei Naõ o cõseguirás. *Ped.* Hum Filho perderejs.

Rei. Hum inimigo. *Ped.* Inimigo serei.

Rei. Que temerario!
o fulminante raio do castigo
em Ignez principie; e tu, ingrato,
cauza da sua morte, e teu desgosto,
naõ verás mais de hum pai alegre o rosto.

Ped. Pai; ou Rei, adverti que sem socego
sinto a luz da razaõ escurecida,
e naõ me lembro nesta triste scena,
mais que o livrar de huma innocente a vida,

e se acazõ .... *Rei.* Ameaças-me, soberbo?
Ped. O que faço naõ sei, mal taõ acerbo
quem poderá soffrer, sem que a impaciencia
as cadêas lhe quebre da obediencia;
se naõ tomai, Senhor, melhor conselho.
Rei. Já he muito soffrer; Egas Coelho.

Sabe Egas Coelho.

Eg. Que me ordenais? *Rei* Que o Principe leveis
prezo para o Castello da Cidade
vizinha, e delle conta me dareis.
Ped. Naõ vos move a abrandar essa impiedade
o sangue paternal, o ser humano?
Rei. A humanidade, o sangue, o amor paterno,
tu me tens offendido como insano.
Ped. Destes mesmos affectos esquecido
me vereis Pai, se a D. Ignez, que adoro,
a vida naõ salvais compadecido.
E qual será.. *Rei* Levai o. *Ped* Embravecida..
Egas. Vamos, Senhor.
Ped. Deixa-me em mal taõ forte.
Rei. Que pertendes de mim?
Ped. De Ignez a vida.
Rei. E eu quero, infiel, de Ignez a morte. *Vai-se.*
Ped. Oh tiranna sentença; fado injusto!
onde estou? Que farei, quem me aconselha
em lance taõ cruel? *Eg.* Principe Augusto,
mais o naõ irriteis, a grande excésso
póde chegar a força do castigo.
Vede, Senhor... *Ped* Basta, Egas, bem conheço
a tiranna intençaõ deste inimigo. *á part.*
Em fim, vou prezo?
Egas. Assim ElRei ordena?
E como sou Vassallo reverente,
a ordem cumprir devo diligente.
Ped. Sois vós meu carcereiro?
Egas. Ao meu cuidado
a guarda fia ElRei de Vossa Alteza,
como leal que sou illustre, e honrado.
Ped. Creio, que naõ sentis, que esta empreza
meu Pai vos confiasse, eu o asseguro:
triste o dia me foi, talvez que nasça
a manhã para vós com escuridade.
Egas. Nos lances da ventura, ou da desgraça,
será de Portuguez minha lealdade,
em dia alegre, ou triste. *Ped.* Grande zelo!
obedeça-se ao Rei, fazei que prompto
se ponha o coche, vamos ao Castello.
Egas. Obedeço, Senhor. *Vai-se.*
Ped. Ignez querida,
de quem me fiarei para avizar-te
do perigo em que deixo a tua vida!
mas eu mesmo, meu bem, para livrar-te,
entre as sombras da noite irei buscar-te,
quebrando esta prizaõ, para que vejas,
Ignez idolatriada, que me obrigo,
ou a salvar-te, ou a morrer contigo. *Vai-se.*

SCENA II.

Campo: Sahe D. Ignez, e D. Violante.

Viol. SE naõ quereis encontrar-vos
com a Infanta, recolhei-vos
para a quinta, antes que venha
da caça. *Ign.* Encontra-la temo;
mas afflicta, e saudoza
pelo meu Principe espero,
que talvez que com seu Pai
viesse á caça. *Viol.* Os Monteiros
caminhaõ para este sitio.
Ign. Oh, se viesse D. Pedro!
Viol. Estais muito saudoza?
Ign. Saõ para meu triste peito
eternidades de penas
os instantes que o naõ vejo.
Viol. Já chega a Guarda Real:
quereis que nos retiremos?
Ign Ceos! naõ vem o meu Espozo?
Viol. Falando com hum Cavalheiro
vem a Infanta de Navarra:
vamos, que está já muito perto.
Ign. Já em mim repararia,
e retirar-me naõ devo;
pois naõ quero que me tenha
por incivil. *Viol.* Soffrimento
podeis ter para falar
a quem soberba hoje mesmo
vos dezattendeo á vista
de ElRei? *Ign.* Ah Violante, quero
portar-me com ella attenta,
talvez que os agrados ternos

em parte abrandar consigaõ
a aspereza de seu genio:
quero implorar-lhe piedade,
dobrando humilde os joelhos,
por ver se de huma inimiga,
huma intercessora obtenho.
Viol. Se ElRei vosso Sogro hoje
vos falou docil, e attento,
que receais? *Ign.* Ah, Violante!
que mal discorres; receio,
que as rogativas de Branca
o façaõ mudar de affecto.
Viol. A ser D. Ignez de Castro,
naõ a rogava, he bem certo.
Ign. E eu porque sou D. Ignez
de Castro, a rogo, este excesso
he muito precizo a quem
na flor de seus annos tenros
occultamente se caza
com quem succede n'um Reino,
tendo muitos inimigos,
que lhe pódem ser funestos.
Viol. Vós, Senhora, sois mui sabia,
e discorreis com acerto,
mas ella chega. *Ign.* Ai de mim!
naõ sei que desgraça temo,
que ao coraçaõ de assustado
he pequena esfera o peito.

Sahe a Infanta, Alvaro Gonsalves, e Soldados.

Branc. Com o que me assegurais
me demorareis mais tempo,
naõ que ás minhas pertençoens
espere prospero effeito,
sim, para dobrar motivos
aos justos resentimentos.
Alv. Senhora, ElRei vos affirma,
que do Principe D. Pedro
sereis á manhã Espoza.
Branc. Já em promessas naõ creio.
Alv. Mas alli está D. Ignez.
Branc. Naõ lhe posso ver o aspecto!
temo que esta Garça altiva,
com seus fingidos affectos,
sobre as minhas esperanças
remonte os voos soberbos.
Alv. Em quem muito se remonta
he mui perigozo o despenho.
Branc. Vamos, que naõ posso vê-la.
Viol. Ficaste perplexa? *Ign.* Eu chego:
Vossa Alteza me permitta,
que com reverente obzequio
lhe beije essa maõ Augusta. *Ajoelha.*
Branc. Furores, dissimulemos.
Levantai-vos, D. Ignez;
porque fora dezacerto
ver prostrada ás minhas plantas
quem tem lugar em meu peito;
vós neste prado? *Ign.* Senhora,
a immensa dita de ver vos,
logro, por me demorar
nestes retiros amenos,
aonde da vossa attençaõ
favor distincto recebo.
Branc. Delle sois muito credora:
com vossa vista me alegro.
Viol. Bellamente: até aqui
naõ vaõ máos os comprimentos. *á part.*
Branc. Tristeza mostra no rosto:
já saberá que está prezo
o Principe, com disfarce
individua-lo quero.
D. Ignez, pois respectuoza
me buscais, tambem dezejo
agradar-vos, que naõ sou
ingrata para quem devo
finezas; em vosso rostro
muito dissabor percebo,
quizera saber a cauza,
para buscar-lhe o remedio,
pois vossos doces agrados
merecem grandes extremos.
Ign Se fingida, oh Ceos! naõ fosse,
eu recobrara o soccego
perdido. *á p.* *Branc.* Que me expresseis
vossas penas naõ mereço?
Ign. Quem póde, oh excelsa Infanta,
pór aos meus cuidados termos,
melhor, que a vossa virtude,
e o vosso poder Supremo,

Fazen-

fazendo de huma infeliz
huma ditoza. *Branc.* Comprehendo
a maxima aſtucioza,
mas della me naõ convenço: *á part.*
como poſſo dominar
a voſſa fortuna? *Ign.* Tremo,
Senhora, de o proferir.
Branc. He eſcuzado o receio;
falai-me ſem ſujeiçaõ:
que pertendeis de mim? *Ign.* Quero
hum eſforço, que dará
ás voſſas glorias augmento,
e conhecerá o mundo
taõ illuſtre acçaõ, ſabendo,
que vos venceis a vos meſma,
ſendo da piedade exemplo:
naõ intenteis ſeparar,
(com lagrimas vo-lo peço)
a dois coraçoens, que amor
unio em vinculo eſtreito:
benigna ſois... *Branc.* Dona Ignez,
da voſſa expreſſaõ me offendo,
nem ſei como valor tendes
para expreſſar voſſos erros.
Ign. Erros, Senhora, julgais.....
Branc. Baſta já. *Ign.* Oh Ceos Supremos!
ſimples fui, pois me enganaraõ
ſeus agrados lizonjeiros. *á parte.*
Branc. Naõ ſei como a ira reprimo! *á parte.*
Alv. Alguma deſordem temo!
Viol O principio foi mui doce,
vai ſaindo agro o meio
e ſe acazo naõ me engano,
o fim ha de ſer azedo. *á parte.*
Branc. O Principe em adorar-vos
andou, Ignez, pouco attento,
he precizo deſpozar-ſe,
e pelo mando paterno
o eſtá comigo. *Ign.* Ai triſte!
Branc. Por voſſa culpa hoje prezo,
o mandou ſeu Pai. *Ign.* Ceos, que ouço!
inda mais eſte tormento!
Branc. Porém á manhã ſahirá,
para que applauda eſte Reino
o noſſo feliz conſorcio,
que dezeja ha muito tempo.
Ign. Já he muita tolerancia;
naõ baſtaõ tantos deſprezos?
Com zelos me quer matar?
pois acabe o ſoffrimento,
que he milagroza a prudencia,
onde ha ludibrios, e zelos. *á parte.*
Branc. Extingui voſſa eſperança,
reflectindo com acerto
na immenſa deſigualdade
dos noſſos merecimentos.
Ign. Senhora, ſabeis quem ſou?
Branc. Porque mo proguntais?
Ign. Bem creio,
que o naõ ſabeis, pois altiva,
de mim fazeis pouco apreço,
quando eu, ſendo quem ſou,
humilhada vos reſpeito.
Branc. Que ſois D. Ignez de Caſtro,
collo de Garça, conheço,
eu ſou de Navarra Infanta,
e huma a outra excedemos,
ſe vós a mim na belleza,
eu a vós no naſcimento.
Ign. Infanta, bem me parece,
que me tratais com deſprezo,
porque inda naõ conheceis
o ſangue de que procedo:
e aſſim mudo o diſcurſo,
nenhuma á outra excedemos,
vós me igualais na belleza,
eu a vós no naſcimento.
Branc. Aſſim me falais?
Ign. Aſſim
a minha razaõ defendo.
Branc. D. Ignez, detende os voos,
e tornai ao voſſo centro.
Sirva-vos de correçaõ,
de avizo, e de claro exemplo,
que huma Garça branca, filha
da ligeireza do vento,
voou taõ alto eſta tarde,
que parece, que de perto
pertendia examinar
os reſplandores de Febo:

can-

cançado de ver o seu
remontado atrevimento
a despedaçou nas garras
hum Xarifalte soberbo,
castigo de o competir
nos voos altos: entendo
que me percebeis: de grande
altura he grande o despenho.

Alv. Muito a Infanta se declara. *á parte.*

Ign. Senhora, com o respeito,
que á vossa Soberania
se deve, pedir-vos quero,
que naõ me aniquileis tanto
com apparentes exemplos:
eu sou D. Ignez de Castro,
Collo de Garça, epitheto
com que me adulou Hespanha
desde os meus annos primeiros:
D. Pedro de Castro, a quem
pelos triunfos iminensos,
por invicto Heróe da guerra
nomeou o mundo inteiro,
me deo o ser, e a huma Irmã,
que occupou o Real assento
de Castella: meus Irmãos
se tratãõ no mesmo Reino
com a distincçaõ de Infantes;
e por fim, de muitos Regios
predecessores se illustra
meu distincto nascimento:
se vós de Navarra Infanta
sois, eu já me reconheço
Princeza de Portugal:
pois do Principe D. Pedro
sou legitima Consorte:
vede se o meu casamento
poderá ser perferido,
sendo-o comigo, e permeiro
de que se ajustasse o vosso,
sem o seu consentimento.
Nestas expressoens, Senhora,
ao meu Espozo defendo,
pois tambem he sua a cauza,
e vos respondera o mesmo:
fazei de conta que he elle
quem vos fala de meu peito,
aonde existe, e supposto,
que ambos somos hum só, devo,
por defeza natural,
quando com tanto desprezo
falais como a D. Ignez,
responder como D. Pedro.

Alv. Mui soberba lhe responde. *á parte.*

Branc. Que temeraria! esquecei-vos
de que era Garça a que ha pouco
se despenhou? *Ign.* Té me lembro
de dizeres, que era branca,
e tinha os voos soberbos.

Branc. Atreveis-vos a dizer-me
equivocos desattentos?

Ign. Credé, Infanta, que a falar-vos
com altivez me violento;
porém vós me provocais
severa, desconheeendo
em mim a porçaõ do vosso
sangue, que nas veias tenho:
ou já porque o ignorais,
ou porque he o vosso intento
abater a huma infeliz;
que naõ tem em todo o Reino,
para defender-lhe a vida
contra inimigos severos,
mais que o amor de seu Esposo,
que pouco a defende prezo:
alguma esperança tive
em vós, Senhora, mas vejo,
que naõ tem as desvalidas
nas poderozas regresso:
por vos naõ ser mais odioza,
da vossa vista me auzento;
o Ceo vos guarde, e me dê
constancia em tantos tormentos,
vamos, querida, Violante,
por ver se em meus filhos tenros
alcanço algum linitivo
aos martirios que padeço. *Vai-se.*

Viol. Estes agrados fingidos
paraõ sempre em destemperos. *Vai-se.*

Branc. Alvaro Gonsalves, esta
he a esperança que tenho?

Alv.

Alv. Naõ deſanimeis, Senhora,
que ficareis muito cedo
vingada de huma ſoberba.
Branc. Em vingança naõ falemos:
ſó póde ſer minha auzencia
de tantos damnos remedio.
Vamos, vamos, que de ElRei
deſpedir-me outra vez quero,
antes que á viſta do ingrato
me acabem meus crueis zelos. *Vai-ſe.*
Alv. Temo que zelos, e amor,
motivem lanços funeſtos. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Salas com luzes: Sahe D. Ignez, e D. Violante.

Viol. EU ſempre diſſe, Senhora,
que as voſſas expreſſoens doces
haviaõ de concluir-ſe
em lagrimas, e clamores.
Naõ ſabeis que a Infanta
tem o coraçaõ de bronze?
intentaſteis abranda-lo,
e ficou mais duro, e forte.
Ign. Naõ cri que a minha humildade
taõ injuriada foſſe.
Viol. Aſſim he, mas vós tambem
lhas diſſeſtes de bom lote.
Ign. A paixaõ me provocou:
e agora com mais furores
ſevera concorrerá
para a minha infauſta ſorte:
prezo o meu Eſpozo! ai triſte!
quem já defender me póde,
ſe os que ao lado de ElRei andaõ,
como inimigos ferozes
contra a minha vida ſaõ
tirannos accuzadores!
Viol. Eſperai, que paſſos finto.
Ign. Ai de mim! *Viol.* Naõ ſe alvoroce.
Ign. Vê quem he. *Viol.* Eu vou, Senhora. *Vai-ſe.*

Sahe o Principe.

Ign. Que vejo? *Ped.* Vamos, conforte.
Ign. Principe, Eſpozo.... *Ped.* Meu bem,
vamo-nos, naõ te demores.
Ign. Que cuidado póde haver
depois de cuidados fortes,
que em teu grande coraçaõ
produza tantos temores?
Ped. O de ſalvar tua vida,
que grande perigo corre.
Ign. Pois a minha vida acabe,
e ceſſem tantos rigores.
Ped. Iſſo naõ, da tua vida
ſe alenta a minha, e naõ obre
taõ feroz a crueldade,
que extinga as duas de hum golpe;
vede que qualquer demora
ſer muito funeſta póde;
meu Pai me mandou prender,
e te ameça com a morte;
aqui eſtou para livrar-te,
naõ queiras que ſe ma-logrem
eſtes propicios inſtantes
á noſſa vida. *Ign.* E para onde
me quereis, Senhor, levar?
Ped. Para onde nos guie a ſorte;
para onde com menos ſuſto
tua companhia logre:
entre as incultas montanhas,
aſſiſtindo entre Paſtores,
ſem fauſtos, pompas, grandezas,
cercado de agreſtes montes;
gozaremos de huma vida
innocente, ainda que pobre.
Ign. Inda que outros, Pedro amado,
ſaõ meus ſentimentos nobres,
nas finezas competir
com teus ſentimentos podem;
naõ he juſto que eu conſinta,
em taõ infauſtas deſordens,
que percas, porque me adoras,
de huma Coroa os explendores:
fica em paz, que eu irei,
mas he razaõ que me outorgues
a licença de levar
meus filhos, para que donde
me conduzir o deſtino
tenha com quem me conſole:
com elles, Senhor, irei

para os mais escuros bosques,
e companheira das feras,
com mais lagrimas, que vozes,
pedirei aos Ceos vingança,
(pois naõ a encontro nos homens)
contra impio que separa
dois coraçoens taõ conformes:
eu, e os tenros innocentes,
em incessantes clamores,
como orfãos, e sem abrigo;
serão exemplo ao Orbe
das ruinas a que expoem,
quem tendo contraria a sorte,
sem prever inconvenientes,
se caza louca de amores:
assim evitas, meu bem,
que por deshumana ordem
de teu Pai, da minha vida
o debil fio se corte.
Guarda-me neste retiro
pura fé, naõ te despozes
com aquella ingrata, aquella,
que as minhas desgraças move,
essa preciosa maõ,
que me destes em laços doces,
he sempre minha, e naõ quero,
que tirana maõ a toque;
e se algum dia, Senhor,
tiveres do Reino a posse,
te supplico, que do nosso
constante amor te recordes:
torna-me para os teus braços,
onde, querido Consorte,
me mate o contentamento,
pois a saudade naõ póde.

Ped. Enxuga, Ignez bella, os rios,
que desses teus olhos correm,
naõ me mates de afflicçaõ,
basta matar-me de amores:
naõ se perca, como inutil,
este tempo, foge, foge.
deste funesto lugar,
onde te ameaça o golpe.

Ign. E tu? *Ped.* Eu, inseparavel
serei de ti. *Ign.* Os traidores,
que na face de teu Pai
nosso amor accuzaõ, podem....

Ped. Nada temas, Ignez, quando
o meu valor te soccorre:
e esses, que nos criminaõ,
como inimigos ferozes;
talvez que algum dia sejaõ
victimas dos meus rigores.
Apressa-te. *Levando-a pela maõ.*

Ign. E os nossos Filhos?

Ped. Meu Pai conta delles tome;
pois nesta apressada fuga
servem de embaraço forte.

Ign. Ah, eu sem elles naõ parto.
Affonso, Diniz. *Chamando-os com impaciencia.*

Ped. Expor-me
queres a maior desgraça?

Ign. Filhos? *Ped.* Se te naõ rezolves
vê .... mas quem para esta salla
com ligeiros passos corre!

Sahe o Condestavel.

Cond. Suspenda Vossa Alteza.

Ped. Condestavel,
que quereis?

Ign. Oh desgraça inevitavel!

Ped. A que vindes? Fala. Perco a paciencia.

Cond. Nunca, invicto Senhor, foi taõ penoza
para a minha lealdade a obediencia.

Ped. Que pertendes de mim?

Ign. Oh rigoroza,
e deshumana estrella!

Cond. Do meu zello
a meu pezar, confia a Magestade
o ir reconduzir-vos ao Castello
para onde vos mandou, adversidade,
que na minha alma sinto, porque temo,
que naõ faltando ao Rei, e á minha fama
o diozo vos seja quem vos ama.

Ped. Ide.

Cond. Senhor, a vossos pés me humilho, *Ajoelha.*
com o respeito que devo, mas lembrai-vos
de que eu Vassallo sou, e vós sois filho:
e quebrando hum preceito, que he Sagrado,
vós livre ficareis, e eu culpado.

Ped.

Ped. A minha reziſtencia vos deſculpa?
Ide-vos.
Cond. Naõ façais mais grave a culpa,
vede que voſſo Pai, apenas ſoube,
que da prizaõ ſahiſteis, muito irado,
contra vós ſe queixou; do meu cuidado,
e de Alvaro Gonſalves, fia a empreza
de vos prender, qualquer defeza
inutil vos ſerá: Alvaro fica
eſta quinta de guardas rodeando,
para a fuga evitar-vos, e até creio
que voſſo Pai em noſſo alcance veio.
Ped. Meu Pai me quer perder com tanto excéſſo;
perdido ficarei, já naõ conheço,
em taõ forte impiedade,
de Filho, ou de Vaſſallo a lealdade.
Cond. Senhor..... *Ign.* Conſorte amado ....
Ped. Deixa a hum infeliz dezeſperado.
Cond. e Ign. Principe ....
Ped. Foge: vem Ignez querida. *Tira a eſpada, e quer levala.*
Cond. Ah, que vos perde huma paixaõ funeſta.
Ped. A vida he huma ſó, e perdida eſta,
naõ ha mais que perder, perca-ſe a vida:
Ignez, anda comigo. *Ign.* Naõ. *Ped.* Duvidas
Ign. Ora ouve-me primeiro,
e leva-me depois, Senhor, comtigo,
para ondè quizeres: verdadeiro
naõ he o coraçaõ, que naõ procura
evitar do objecto a deſventura,
arriſcando-ſe aſſim. *Ped.* Pois deſſa ſorte,
porque fiel te ſou, quero da morte
livrar-te em taõ penozo labyrinto.
Ign. Mas eu porque te adoro o naõ conſinto.
Ped. Logo queres morrer? oh rigor fero!
Ign. Porque tu naõ te arriſques morrer quero.
Quem poderá livrar-nos
da vingança de hum Rei, que procurar-nos
manda com gente armada? O precipicio,
ou ficando, ou fugindo ſempre he certo:
e ſe para applacalo hum ſacrificio
he baſtante, e naõ ha outra eſperança,
banhe o meu ſangue as aras da vingança;
porque te livres o mórrer naõ ſinto.
Ped. Mas eu porque te adoro o naõ conſinto,
naõ me repliques mais, apreſſa o paſſo.
Cond. Senhor, que me perdeis.
Ped. Qualquer que intente
ſervir-me para a fuga de embaraço,
a vida perderá como inſolente.

Sabe ElRei.

Rei. Eu te embaraço a fuga, temerario,
cumpre deſſa palavra o duro effeito:
a quem te deo o ſer traſpaſſa o peito.
Ped. Oh Ceos! que infauſto dia!
Ign. Oh deſgraçada!
Rei. No ſangue de teu Pai banha eſſa eſpada,
tenha em ti Portugal hum parricida;
qual teve Roma em Nero matricida.
quem te ſegura ó braço, deshumano?
Ped. Ah, meu Pai, deſgraçado, e naõ tiranno
me poderá fazer a iniqua eſtrella:
ahi tens, Senhor, a minha eſpada
proſtrada aos voſſos pés, e eu com ella. *Põem a eſpada no chaõ.*
Rei. Levai-o, Condeſtavel, ao Caſtello,
e as guardas lhe dobrai. *Ign* Affonſo invicto,
contra mim ſó voltai o rigor fero,
pois a cauza ſó eu ſou do ſeu delicto:
a voſſos pés ....
Rei. Ouvir-te mais naõ quero. *Voltando.*
Ign. Aos meus olhos negais, oh impiedade!
voſſo roſto Senhor, neſte mudança
eſconder-me intentais voſſa piedade,
ou naõ quereis que trema da vingança;
olhai para o meu roſto, e delle o pranto
neſſe peito magnanimo prefira
a piedade a vingança, o affecto a ira.
Ped. Attendei-a benigno.
Rei Oh Ceos! conſtancia. *á parte.*
voſſos loucos excéſſos tem chegado
a extinguir-me de todo a tolerancia:
ſe tu aós meus preceitos quebrántando,
tu, ſoberba, a huma Infanta injuriando.
Ped. Egas Coelho, Senhor, me deo licença,
e talvez que me accuze eſſe aleivozo.
Rei. Licença naõ, deixou o paſſo livre,
porque temeo as iras de hum furiozo.
Ign. Com ſoberbas palavras, que a alma ferem,
a quem

a quem teve como eu o naſcimento,
a Infanta me inſultou, e naõ ſopporta
injurias de honra, e ſangue o ſoffrimento
huma parte, Senhor, do ſangue Regio,
que pelas minhas veias ſe reparte,
he voſſo, e como todo ſe offendia,
attendendo a vós meſmo, ſim devia,
deſaggravar, Senhor, a voſſa parte.

Rei. E deve ella ſoffrer que lhe demores
as nupcias de hum Eſpozo prometido?

Ign. Neſſe cazo ſeus erros ſaõ maiores:
ella quer-me uzurpar o que já he meu,
eu defendo o que o Ceo me concedeo.

Rei. Tenho ouvido; tremei deſſe indiſcreto
amor, com que a hũ Reinante offendeis tanto,
que ſó vos ſei dizer, de Pai o affecto,
nem as ternas correntes do teu pranto
já mais me abrandáraõ, e ſe a loucura
hum laço vos teceo com minha offenſa,
por minha Lei o eſconda a ſepultura.

Ped. Ah meu Pai.... *Ign.* Meu Senhor....

Rei. Deixai-me, inſanos.

Cond. Vede, meu Rei, que eſſa paixaõ intenſa
adianta a ruina aos voſſos annos:
de afflicto aſſim vos ver tremo, e me aſſuſto;
e já que tanto amais ao voſſo Povo
em vós lhe conſervai hum Rei taõ juſto.

Rei. O Principe levai aonde ordeno,
e cercada eſta quinta fique. *Ign.* Oh Ceos!
cõdemnais-me a morrer? *Rei.* Sim te cõdemno.

Ped. Pois eu a defendo. *Cond* Naõ o irriteis mais.

Ped. Que barbaro rigor! que injuſta lei
fazem taõ deſgraçadas,
as que os Principes amaõ.

Rei. Aquellas que vereis executadas.

Ped. Naõ verei, ou ſe a tanto o rigor forte
da juſtiça chegar enfurecido,
em brava fera, de homem convertido,
proteſto de vingar a ſua morte.

Rei. Vai-te infiel. *Cond.* Oh trance laſtimozo!

Ped. A Deos, querida Ignez. *Ign.* A Deos, Eſpozo.

Cond. Oh ma-logrado Eſpozo?

Ign. e Ped. Eu me ſinto morrer.

Cond. Que triſte Scena. *Rei.* Eu ſentêceio, e tremo.

Tod. Mas oh dura ſentença, infauſta Seena.

Vaõ-ſe.

ACTO III. SCENA I.

Salla no Palacio de D. Ignez: Sahe ElRei, Alvaro Gonſalves, Egas Coelho, e Guardas.

Rei. NAõ me cegue a paixaõ, pelo conſelho
ſe profira de Ignez hoje a ſentença:
retirai-vos, Soldados; a julgardes
cazo taõ ponderavel a intêireza
vos chama da juſtiça, Sacro movel,
que as Monarquias, mais que os Reis impera;
paixoens particulares, e lizonjas
dos peitos demetti, para que ſeja
a ſentença de D. Ignez de Caſtro
Filha ſó do diſcurſo, e da prudencia:
eu vos quero informar de circunſtancias,
que naõ ſois ſabedores, e naõ tenha
a ignorancia em vós, como Juizes,
lugar entre o caſtigo, e a defeza;
ſabei que eu, e a Rainha minha Eſpoza,
em quem virtudes reſpeitaes immenſas,
temos buſcado os meios mais ſaudaveis
para evitar huma infeliz tragedia:
os conſelhos continuos da Mãi ſabia
naõ abrandaõ do Principe a aſpereza,
antes menos effeitos lhe reſultaõ,
que a continua corrente em huma pedra;
igual fructo colhi dos meus dictames,
authorizados de ameaças feras,
mas pouco as luzes da razaõ aclaraõ
huns olhos onde he todo o amor cegueira:
inda mais, temo, que por minha morte,
vivendo Ignez, com ſupplicas o vença
a que tire a Fernando o Regio Throno,

para

para que hum Filho seu nelle succeda;
e como pede a mesma que domina;
será mui facil conseguir a empreza;
disse pois, e vos lembro, que o que disse
naõ he para inclinar-vos a sentença
de morte contra Ignez, mas separalos
convem de hũa uniaõ, que hum Rrino altera.

Alv. Attendendo, Senhor, as circunstancias,
que pódem algum dia ser funestas,
convem já dissipalas, porque cesse
com a causa o effeito: a Sua Alteza
naõ abrandaraõ supplicas do Reino,
rogos de Mãi, nem reprehençoens severas
de seu Monarca, e Pai, saõ muito fortes
os laços com que o prende huma belleza,
que por costume adora, recordai-vos
dos infaustos succesos, que em Castella,
por Leonor, do vosso Genro Dama,
a vossa mesma Filha succederaõ;
vede como zeloza de hum amante,
as artes diabolicas empenha
para matar-vos antes de nascido
hum Neto, que de Hespanha a Coroa herda:
deste cazo a lembrança doloroza
nos affoite aquebrar outras cadeias,
para que em D. Ignez, e vosso Filho
igual exemplo Portugal naõ veja;
e para se evitar, em quanto he tempo,
a mandai para Hespanha com cautéla
entregar aos Irmãos; pois desta sorte
socegaremos sem que Ignez pereça.

Egas. Meu parecer, Senhor, he differente:
o grande amor se aviva mais na auzencia;
quem póde segurar-vos que naõ siga
o Principe os seus passos, em Castella
saõ muito poderozos seus Irmãos:
com o gosto de porém na cabeça
a Coroa a sua Irmã, intimar podem
a vosso Filho, que nos faça guerra,
e com a morte de Ignez ficamos livres
de que maior ruina nos succeda.

Alv. Antevendo taõ fortes embaraços,
tambem sigo, Senhor, a mesma idea,
he menos ponderavel huma vida,
que a paz de todo hum Reino.

Rei. Oh sorte adversa!
logo, que morra Ignez será precizo,
para o soccego, oh Ceos! antes quizera
Monarcha naõ nascer, que ver-me Juiz,
obrigado a taõ aspera sentença.
Naõ ha outro remedio.

Egas. Naõ o encontro.

Rei. Morrer deve a infeliz?

Alv. Assim soccega
hum Povo alvorotado.

Rei. Ah desgraçada Ignez, que infausta estrella
a Portugal te trouxe, para seres
lamentavel exemplo das bellezas?
Chamai-me essa infeliz.

Egas. Prompto obedeço. *Vai-se.*

Rei. Mizera formozura! quem differa,
que havia ser em ti culpa de morte;
o dote, que te deo a natureza!
mas de que servio, flor delicada,
para ser infeliz, nascer taõ bella,
se trouxestes no ar do teu semblante
o prologo gentil de huma tragedia!

Alv. Se vós enterneceis, será difficil,
que effeito a execuçaõ do golpe tenha.

Rei. Se me haveis de ver logo justiceiro,
deixai que por compaixaõ me enterneça:
mas ha formoza Ignez, para livrar-te,
inda a piedade huma razaõ conserva.

Sabe D. Ignez, os dois Infantes, e Egas.

Ign. Já do funebre auspicio da ruina,
a fera execuçaõ vejo prezente.

Rei. Já na cor do seu rosto se examina
o annuncio do mal, que na alma sente,

Ign. Meu Rei, e meu Senhor, que excesso he este?
Vindes ferir com tanta gente armada
a huma debil mulher, que já prostrada
vedes as vossas plantas? que impiedade?
Reziste acazo á minha desventura?
Para aterrar taõ fragil creatura
basta hum aceno só da Magestade.
Naõ he, Senhor, o forte da belleza
reforçada muralha, que preciza,
para render-se, os golpes da fereza:
vede, pois, que no sangue feminino

se

se embota o fio de huma rija espada,
que a romper peitos de aço he costumada,
que dirá quem vos vir, tristes memorias?
Com huma pobre Dama vingativo,
vendo-vos tantas vezes compassivo,
perdoando aos contrarios nas victorias:
para todos, Senhor, sois generozo,
e sereis para mim só rigorozo:
mas terá meu destino tal violencia,
que até faça mudar em vosso peito
o benigno costume da clemencia:
naõ me attendeis, Senhor. Filhos queridos,
para quando guardais vossas correntes?
Acompanhai os meus tristes gemidos
com lagrimas de huns olhos innocentes:
ouvi de vossos Netos os clamores;
nelles vos aprezento, Affonso invicto,
para serem do indulto intercessores,
as mesmas testemunhas do delicto.

Aff. Meu Avó, naõ maltrate a minha Mãi,
que tanto bem me quer: naõ vê que chora?

Ign. Rogai, meu Filho. *Rei.* D. Ignez, agora
piedozo naõ sou, comvosco irado,
só me devo mostrar, pois sois a causa
de ver todo o meu Reino alvoratado:
a vossa morte pede, porque as nupcias
do Principe estorvais, e ainda dezejo
livrar-vos do perigo, em que vos vejo;
o unico remedio, que descubro,
he desatardes já o laço amante,
com que a Pedro prendeis, elle á Infante
dar logo a maõ de Espozo, e desta sorte
soccega o Povo, e vós livrais da morte.

Ign. Oh de hum tiranno Povo iniqua inveja!
só pode dezatar a sepultura
hum laço, que teceo em nós Igreja.

Rei. Impede a mesma Igreja por preceito
á legitimidade de hum Consorcio,
entre Compadres, e parentes feito:
qual parenta, Compadre de meu Filho,
vos deveis separar? Naõ por divorcio,
mas sim, por nullo estar vosso Consorcio.

Ign. Antes, Senhor, que o vinculo sagrado
nos conduzisse ao thalamo fecundo,
nos foi o parentesco dispensado
em hum, e outro grao.

Rei. Que proferiste;
desgraçada de ti, que decedisste
a sentença fatal da tua morte:
já valer te naõ devo!

Ign. Oh dura sorte!
quereis de huma justissima defensa
provas tirar para a cruel sentença!
quando me declarais parenta vossa,
devo, para livrar-me da ruina,
de vosso sangue Real mostrar-me indigna:
que tiranno rigor! que lei he esta,
que detremina a minha adversidade!
he culpa em mim de morte o ser honesta,
sendo em todos virtude a honestidade?
O conservar illezo o meu decoro
me condemna a morrer por este crime
saõ gostozas as lagrimas que choro.

Rei. A ostentaçaõ da honra naõ crimino,
louvo a virtude, e choro o teu destino.

Eg. Naõ vos enterneçais, meu Soberano, *á p. ao*
Alv. Como ultimo, e triste desengano (*Rei.*
: vos retirai, Senhor. *O mesmo.*

Rei. Ignez amada;
minha Filha! oh Ceos.

Ign. Estou perdoada?

Rei. Naõ, Filha, q naõ posso: os Ceos conhecem
quanto os teus infortunios me enternecem.

Ign. Piedade, Senhor.

Rei. Como posso livrar-te do castigo,
se todo hum Reino tens por inimigo.

Ign. Oh mizera de mim! Filhos amados,
espelho em que meus olhos se reviaõ?
e já mal vos distinguem de eclipsados,
neste tremendo instante,
pouco tem que vencer a tirannia:
desmaia o coraçaõ, e ao meu semblante
cobre da morte apalida maõ fria.
Ceo Divino, valei-me, pois clemencia
de coraçoens humanos naõ consigo.

Aff. Se acazo naõ tem dó de minha Mãi,
entaõ naõ quero ser já seu amigo.

Rei. Naõ ha remedio, os Filhos lhe tirai.

Alv. e Egas. Vinde, Infantes.

Aff. Deixai-me vós tambem,

so

ſe naõ, hei de dizelo a meu Pai,
que vos ha de matar com huma eſpada.

Ign. Meus Filhos me levais: oh deſgraçada,
naõ me mateis, Senhor, por tantas vezes,
tornai eſſas reliquias aos meus braços.
Mas ai! que intenta a força da crueldade
partir-me o coraçaõ em mil pedaços.

Rei. Já he muito esforçar a tolerancia!
opprimido, ai de mim! de mortal ancia
me finto em mal taõ forte.
Egas, Alvaro, oh Ceos! ficai com ella,
que naõ me atrevo a ver a ſua morte.

Ign. Com eſtes inimigos deshumanos
medeixais? Que rigor? Soltai, tirannos,
ſoltai os meus Infantes; luzes minhas,
a abraçar-me tornai, neſtes retiros,
em voſſos lindos roſtos,
recebei os meus ultimos ſuſpiros:
mas já falta o valor, oh juſtos Ceos!

Rei. Vinde, meus Netos. *Pega nos meninos.*

Aff. Minha Mãi, a Deos,
que por força nos leva noſſo Avó.

Ign. Ah meus ternos amores minhas glorias,
quando ſoubereis ter mais ſentimentos,
funeſtas vos ſeraõ minhas memorias.
E vós ingrato á propria humanidade,
que a vida me tirais na flor da idade,
vede que apello da mortal ſentença
para aquelle Supremo Tribunal
onde recto ſe julga o bem, e o mal:
vede que.... mas ai triſte! a luz do dia
aos meus olhos ſe vai eſcurecendo,
treme o pé mal ſeguro.... e da agonia
me vai já ſoffocando o horror tremendo!
Filhos, Filhos, eu morro, Pedro, Eſpozo!
onde eſtás, que em martirio taõ penozo,
naõ vens a ſoccorrer-me! ah homicida,
o furor eſcuzais, que eſtou ſem vida. *Egas, e Alvaro a recolhem nos braços.*

Rei. Triſte de mim! quem antes
ſentença taõ cruel naõ pronunciara?
Infelices Infantes, vamos.

Aff. Ai minha rica Mãi quem vos livrara!

Sahe D. Branca.

Branc. Senhor, procurar-vos venho,
de cuidados opprimida,
para que....

Rei. Já eſtais vingada,
a pezar das ancias minhas,
ſe tendes coraçaõ fero,
como eu tive, vede extincta
a cauza.... mais ai de mim!
que me deſampara a vida. *Vai-ſe com os Meninos.*

Branc. Senhor, eſperai, ouvi,
e diſſolvei-me eſte enigma!
mas vacilante ſe aparta
ElRei, levando perdida
a côr do roſto, comigo
quer falar, e naõ ſe explica?
Naõ ſei que me vaticina
o coraçaõ aſſuſtado?
Oh Ceos! ſe Ignez morreria,
para mais me atromentar
a minha ſorte inimiga?
Aquelles ſignaes infauſtos,
eſtas ancias exceſſivas,
o ſolitario das Sallas,
me avizaõ da ſua ruina.

Sahe D. Violante.

Viol. Para onde fugirei?
para onde me encaminha
a minha funeſta ſorte,
que naõ veja tirannias!
encontrarei menos féras
entre os dezertos da Libia:
ou entre os certoens occultos
da Arabia!

Branc. Quem te motiva
as lagrimas, e afflicçoens?

Viol. E vós me perguntais inda,
naõ me façais delinquente,
dezafogando a agonia
em queixas, que contra vós

o ſentimento profira.
Branc. Contra mim? Ah, que ſaõ certos
os preſagios da deſdita!
Acaba de atormentar-me,
por piedade te explica.
Viol. Já podeis ſem contendora
gozar a eſperada dita,
mas ſempre ſerá funeſta;
pois com ſangue principia;
á minha infeliz Senhora
tirou maõ cruel a vida,
atraveſſando-lhe o peito ....
Branc. Cala-te; mais naõ profiras:
ſeja me o Ceo teſtemunha,
quando do mundo a malicia
me queira fazer culpada
neſſa tiranna ferida,
que naõ dei conſentimento
para vingança taõ impia;
lamentei zelos, repudios,
chorei a deſgraça minha,
e agora a deſgraça alheia
a maior pranto me obriga:
com eſſa infeliz belleza
nunca quiz ſer vingativa,
antes procurava a auzencia,
por naõ contraſtar-lhe as ditas.
E tu, amavel creada
deſſa formozura extincta,
ſe vires a Sua Alteza,
ſinceramente lhe affirma,
que de fera me naõ culpe
nas ſuas magoas precizas.
Que innocente do delicto
parto, e neſta deſpedida
levo para atormentar-me,
com afflicçoens inauditas,
prezente aos meus triſtes olhos,
as imagens da ruina. *Vai-ſe.*
Viol. Em fim, perdi todo o amparo,
em quem tanto me queria,
e naõ he muito que perca
de ſaudades a vida. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Campo com preſpectiva de Palacio.

Sahe o Principe, e o Condeſtavel.

Cond. Apreſſai-vos, Senhor.
Ped. Se acharei morto
a meu amado Pai?
Cond. Senhor, conforto:
deſta humana penſaõ nenhum vivente
ſe póde reſervar: de hum accidente
eu o vi aſſaltado;
porém tornando a ſi, tremulo, e afflicto,
me ſupplicou em lagrimas banhado,
que vos foſſe buſcar, porque queria
abençoar-vos na ultima agonia;
ſem palavra dizer, porque a vehemencia
me deixou do ſucceſſo tranſportado,
foi ſó em mim reſpoſta a obediencia.
Vamos.
Ped. Parece que hum grilhaõ pezado
arraſto em cada pé, e me perſuade
a dôr que ....

Sahe Nuno da Cunha.

Nun. De-me Voſſa Mageſtade
a beijar a maõ Regia.
Ped. Oh Ceos! morreo El Rei?
Nun. A dura parca
cortou a vida ao inclito Monarca,
digniſſimo Pai voſſo.
Ped. Que funeſta,
e amarga noticia, oh Ceos, he eſta! *Fica penſativo.*
Cond. Eſpirou o meu Rei? Oh malligno Aſtro!
Nun. E antes della morta a punhaladas *á p. hum para o outro.*
foi por Lei ſua D. Ignez de Caſtro,
pelas tirannas maõs de Egas Coelho,
e Alvaro Gonſalves.
Cond. O conſelho,
devia ſer em taõ impios rigores

deſſes meſmos crueis executores :
mas tremaõ do ſeu aſpero caſtigo.
Nun. Quem o dirá a ElRei ?
Cond. Eu naõ lho digo ;
pois naõ tenho valor.
Nun. Da meſma ſorte
me ſinto. *Tudo á p. hum para o outro.*
Ped. He, em fim, da Parca ſorte
tributo á vida humana,
por Lei da Providencia Soberana :
ſinto com ancia interna
o naõ chegar a tempo
dos labios imprimir na maõ paterna ;
mas veraõ meus Vaſſallos
quanto chego nas penas a imita-los ;
ide avizar Ignez deſte ſucceſſo, *Para Nuno.*
em quanto eu naõ vou meſmo procurala,
dizei-lhe, que eu adoro, e brevemente
a Corte trocará o luto em galla.
Nun. Muito temo a violencia de hum repente
taõ amargo, e funeſto! *á parte.*
Ped. Ide já, Nuno.
Nun. Sabei, Senhor ....
Ped. O que ?
Nun. Fado importuno! *á parte.*
Egas Coelho, e Alvaro Gonſalves
apenas morto virаõ
a voſſo Regio Pai, logo fugiraõ,
porque ....
Ped. Bem ſei : temeraõ meus rigores,
porque me eraõ crueis accuzadores ;
ide já deſpedir em ſeu alcance
Cavallaria : quero que proſtrados
aos pés de Ignez, amada Eſpoza minha,
como mercê primeira de Rainha
ſejaõ por ella meſma perdoados :
ide, amigos, depreſſa.
Nun. Oh impia ſorte! *Vai-ſe.*
Cond. Receio, oh Ceos! que a dôr lhe cauze
a morte! *Vai-ſe.*
Ped. Como alegre, e goſtoza,
comigo reinará Ignez formoza!
os Vaſſallos que as nupcias repugnavaõ,
por naõ beijar-lhe a maõ ;
(Soberba indigna !)
hoje com profun liſſimo reſpeito
a devem conhecer ; por meu preceito,
como Eſpoza de hum Rei, do Throno
digna.

Sahe D. Violante.

Viol. Para onde peregrina, triſte, e errante
fujo deſtes crueis ? Já mais de affliçta
enxugarei as lagrimas.
Ped. Violante,
Viol. Ai, infeliz, Senhor ?
Ped Que ? Tu choras ?
dize, que ſuccedeo ?
Viol. Inda naõ ſabe,
que lhe mataraõ a adorada Eſpoza ?
Naõ me animo a dizello. *á parte.*
Ped. Adonde eſtá tua ama ? Ai de mim !
fala ?
Viol. Sou eſtatua de gello ? *á parte.*
Ped. Que vejo ? Violante chora, e calla !
ſinto em meu coraçaõ hum mortal ſuſto ?
Fala, naõ me impacientes.

Sahe a Infanta.

Branc. Pedro Auguſto,
eu vos expreſſo o que eſſa fiel creada
pronunciar naõ póde de aſſuſtada :
mas primeiro ſabei, que juro ao Ceo,
que em nada tive culpa
na tragedia fatal que ſuccedeo.
Por barbaro conſelho
de Alvaro cruel, e Egas Coelho,
e deſtes dois tirannos precedido
foi voſſo Pai em colera incendido
á quinta, onde exiſtia
o objecto da voſſa idolatria,
e mais feras, que as feras deshumanas,
que naõ tem compaixaõ, almas tirannas ?
Naquelle peito candido .... eu morro ?
Cravaraõ dois punhais.
Ped. Oh Ceos ! ſoccorro. *Cahe deſmaiado.*
Branc. Inda mais eſta pena, oh dia infauſto

Viol. Meu Rei, e meu Senhor, valei-lhe, oh Ceos!

Branc. Os sentidos ElRei de dór perdeo: que funebre espetaculo! oh lá gente, acodi.

Sahe Nuno da Cunha, e guardas.

Nun. Que nos manda Vossa Alteza?

Branc. O vosso novo Rei de hum accidente foi agora assaltado.

Nun. Que naõ succederá a hum desgraçado! Senhor: triste de mim! de suor frio tem coberto o semblante.

Branc. Muito me assusta, e quazi desconfio de que a vida lhe tire o excesso amante: que tenho que esperar, a desventura cada vez em meus damnos mais se apura; em cada pé que movo, oh sentimento! encontro nova cauza ao meu tormento! fugir quero de ver tanta desgraça; e mais compadecida, do que amante; para Navarra parto neste instante. *Vai-se.*

Viol. Já vai tornando em si.

Nun. Esclareci o, e amavel Senhor, compadecido, (inda que he justo o vosso sentimento) a hum Reino attendei, que necessita para seu defensor o vosso alento: naõ vos transporte tanto huma desdita, que seja a Portugal mais lastimoza, e se a vossa innocente, e amada Esposa, qual bonina gentil, que perde a galla, corta la de seu centro jaz sem vida, a vida conservai para vingala.

Ped. Amada Ignez, tua alma esclarecida, desamparando a bella contextura, onde toda a alegria he tranzitoria, foi gozar na alta esfera da luz pura, huma vida immortal que he toda gloria.

Nun. Animai-vos, Senhor.

Ped. Eu enlouqueço!

Nun. Naõ chegue a vossa pena a tanto excesso.

Ped. Os necios, ai de mim, naõ endoudecem, porque de hum bem a perda naõ conhecem: conheço que perdi o mais amavel, e mais grato da terra, irreparavel a minha perda he, e do precizo desgosto transportado, naõ he muito, que quem tanto perdesse, perca o juizo. Vamos, Nuno da Cunha.

Nun. Onde, Senhor?

Ped. A ver a Esposa minha. Tu vai pôr prompta huma Coroa de ouro, *Para Violante.* que á tua ama offertei quando Rainha fazella prometti.

Viol. Vosso preceito já vou cumprir, Senhor, e renovar as magoas de meu peito. *Vai-se.*

Ped. Vós para a Coroaçaõ a pompa Regia me preparai com toda a brevidade; vejaõ no Throno aquella a quem a sorte anticipou o funebre da morte ao fausto esplendor da Magestade.

Nun. Oh verdadeiro amor! só tu mereces ser na futura idade celebrado, pois perdida a esperança de logrado d'entre as sombras da ruina resplandeces.

Ped. Eu me sinto morrer, o pensamento a cada instante com imagens tristes me renova hum motivo ao sentimento! Barbaros coraçoens, adonde achar-vos poderá o meu furor inextinguivel para dos crueis peitos arrancar-vos? Sobre o teu mesmo sangue derramando a vingança protesto, e será esta aos crueis homicidas taõ funesta em castigo da sua crueldade, que servirá com funebre memoria de exemplo, e de terror á eternidade: sim, meu bem, vingativo, e rigorozo, como fera ....

Sahe o Condestavel.

Cond. Senhor?

Ped. Morre, aleivozo. *Tira a espada, e investe.*

Cond. Aos vossos pés estou, meu Soberano: *Ajoelha.*
porém dizei-me a cauza antes do golpe.

Ped. Cuidei que via o perfido inhumano,
que a D. Ignez matou.

Cond. Antes dezejo
de meus annos cançados dar-lhe o resto,
por me naõ ser taõ aspero, e funesto
ver-vos nesse estado em que vos vejo.

Ped. Ah meu fiel amigo, eu já naõ posso
resistir á violencia do martirio:
vamos ver a Ignez.

Cond. Ah, meu Rei! tremo
de que a sua prezença lastimavel
, augmente a vossa dór com tanto excésso,
que á vista naõ prezista.

Ped. Condestavel,
naõ póde ser maior a minha pena,
e se meu fado ordena
a vida conservar-me, he porque grato
aos meritos de Ignez, sua memoria,
faça immortal, e a immortal historia
me lamente infeliz, mas naõ ingrato. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Salla magnifica com docel, e cadeira de espaldar no meio do Theatro, om a qual está D. Ignez encostada, e junto a ella huma Coroa em huma salva em cima de huma banca.

Sahe o Principe, Nuno da Cunha, e o Condestavel, Grandes, e Soldados.

Nun. Esta he a pompa, Senhor, que a brevidade
me permittio do tempo.

Ped. Que impiedade!
he possivel, Ignez, oh dura sorte!
que quem vida me deo te desse a morte;
a sacrilega maõ, barbara, e fera,
que o teu sangue verteo no duro effeito
naõ cahio como ferro? Oh quem poderá
soldar a pura neve de teu peito;
quem poderá animar-te a luz perdida,
repartindo comtigo á minha vida:
quaes serão os castigos,
que escogite a lembrança desta Scena
contra estes deshumanos inimigos,
sem lei, sem compaixaõ, e sem respeito!
farei abrir com golpes mui profundos
as espadoas a hum, a outro o peito,
e a seus mesmos olhos moribundos,
que viraõ este sangue, dezejara
mostrar os coraçoens, que os animara
a taõ impia fereza,
como abortos crueis da natureza,
para monstros indomitos gerados:
choro, meu bem, a tua adversidade,
e vivo para a minha saudade.

Cond. Aqui tens á Coroa. *Da-lha.*

Ped. De outra sorte, *Pondo-lha.*
coroar-te intentei, fiel Consorte:
mas preferio a gloria a tirannia:
vós, meus fieis Vassallos,
reverentes beijai esta maõ fria,
que beijar deverieis n'outro estado,
se taõ impio naõ fosse o nosso fado.

Cond. O primeiro sou eu, que esta maõ bella
reconheço da minha Soberana,
com o respeito que devo a vós, e a ella. *beija-lha.*

Nun. Com o mesmo respeito,
qual Vassallo fiel, cumpro o preceito. *O mesmo.*

Os Grandes todos lhe beijaõ a maõ.

Ped. Esse corpo gentil dezanimado,
mais na morte, que em vida respeitado,
cobri já, Condestavel. *Corre a cortina.*

A in-

a incombencia do enterro vos entrego ;
com Mageſtozo fauſto veneravel
a levai a Alcobaça , e as eſtradas
de tochas eſtarão illuminadas ,
e o meſmo explendor fazer quizera ,
ſe como dezaſete legoas ſaõ ,
dezaſete mil foſſem , poſs venera
tanto minha alma a eſſa cinza amada ,
que dezejo exceder no Mageſtozo
aquella maravilha celebrada ,
que Artimizia erigio a ſeu Eſpozo ;
e vós , que inda a pezar de eſquecimento ,
recommendais com pranto merecido
os amores de Ignez ao ſentimento ,
e ſeu nome ao reſpeito que hè devido ,
com verſo humilde aqui vos reprezento
o tragico infortunio dezabrido ,

Todos. Que aconteceo á mizera meſquina ,
que depois de ſer morta foi Rainha.

FIM.

LISBOA,

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

Anno MDCCLXXXV.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

ADVER